

S. ANTONIUS



1.º ANNO — 1895
JULHO

Si quæris
miracula,
Mors error
calamitas
Dæmon,
lepra fugiant,
Ægri
surgunt sani.

(S. Bonav.)

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO

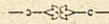
Abeuçoada por S. S. o Papa Leão XIII e por S. Em.^a o Cardeal Patriarcha de Lisboa



TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
74, LARGO DE S. DOMINGOS, 76.

PORTO — 1895.

O LINGUA BENEDICTA



SALVÉ! lingua bemdita do nosso querido Santo Antonio, gloria immorredoura do velho Portugal, seu filho o mais distincto, o mais dilecto, o mais prestimoso, salvé!

Aquelles que alguma vez fruíram a dulcissima ventura de contemplar reverentes e commovidos essa pequenina reliquia do santo portuguez, conservada incorrupta no relicario da soberba basilica de Padua, recordaram certamente e repetiram as formosas palavras de S. Boaventura quando tomou em suas mãos e cobriu de ardentes osculos e copiosas lagrimas a lingua abençoada: *O' lingua benedicta, quae Dominum semper benedixisti et alios benedicere docuisti...*

N'esta solemne commemoração do setimo centenario do grande Thaumaturgo, portuguez haverá, digno d'este nome, que não repita essas bellas expressões com vivo sentimento de fé e amor, aspirando á gloria de consagrar a propria lingua unicamente aos divinos louvores? Pois não é o prurido de linguas impressas que nos têm arrastado ao charco immundo em que estamos, com risco de lastimoso naufragio? Ah! as incessantes desordens que lavram no seio da familia e da sociedade, ahi tem sua origem. Esta anarchia de ideias, esta perversão de costumes, estes conflictos sem treguas, nascem dos desmandos da lingua, porque se o galeão alteroso vae a pique apenas se lhe partiu o leme, se o corcel sem freio sacode o mais destro cavalleiro, no dizer de S. Thiago, é absolutamente impossivel manter a ordem, a paz, a justiça, a verdade e o bem quando á lingua falte o freio do temor de Deus, ou o leme da caridade.

O maior flagello da nossa epocha está no abuso da palavra, que se esta é o mais precioso dom que Deus fez á creatura humana, é por isso mesmo o mais fecundo em desastres quando perde o equilibrio: *corruptio optimi, pessima.*

O silencio tem sempre sido instantemente recommendado pelos mestres da vida espiritual, como valioso elemento de perfeição. Se a palavra é de prata, diz o sabio, o silencio é de ouro, ou como reza o adagio bem conhecido — muitas vezes se arrepende o homem de ter fallado, raro de estar calado.

A palavra de Deus salvou o mundo, é certo, mas como triaga á voz de Satanaz que o perdera. E quanto menos se presta attenção á voz de Deus, mais é escutada a do demonio. Este anjo rebelde, o eterno revolucionario, está constantemente movendo as linguas para fomentar odios, invejas, intrigas na sociedade das almas, impellindo-as primeiramente contra Deus.

As palavras nescias, torpes, indecorosas que semeiam a zizania entre os homens nascem de corações corrompidos e de espiritos obcecados, onde já não impera a crença nem é acatado o poder divino. Por isso na praça publica, nos salões, nas escolas,

nos congressos soltam-se em medonha catadupa torrentes grossas de palavras nescias, impuras, incoherentes, que vem formar um oceano de lama onde todos se conspurcam, onde raros se salvam de pavoroso naufragio. E quando essas vozes clamorosas são levadas nas azas da imprensa ou da electricidade aos confins da terra, que medonhas e assombrosas proporções não assume esse côro monstruoso de erros, blasphemias e calumias!

Quem poderá salvar-nos d'este horrendo cataclismo? N'esta hora, como ninguem, o nosso Santo amantissimo, o prestigioso advogado das coisas perdidas. Purifical-nos a lingua, ó glorioso Thaumaturgo, dae-nos aquella fé de nossos paes; inspire-nos a honra e o brio dos velhos portuguezes; restitui-nos o caracter nobre e a nobre altivez do velho Portugal; ensinae-nos a bemdizer a Deus como o fizestes sempre, merecendo por isso a incorruptibilidade de vossa lingua bemdita: *O' lingua benedicta. Nunc perspicue cernitur quanti meriti fueris apud Deum.*

E seja esta a maior gloria vossa e a mais assignalada victoria d'este septingentesimo anniversario de vosso nascimento.

Funchal, (Madeira) 9 de junho de 1895.

M. Bispo do Funchal.



APOZ O SEPTIMO CENTENARIO

PASSOU o mez de S. Antonio. A rectidão inflexivel do Kalendario, que todos os annos marca aos mezes o mesmo numero de dias, não quiz abrir este anno uma excepção; não teve condescendencias com o mez de S. Antonio, não obstante ser o do seu centenario, e por isso um mez que não volta senão de cem em cem annos. Passaram as festas centenares, que alvorçaram todo o nosso paiz. Apagaram-se os fogos que illuminaram *a giorno*, em iris variegados, as nossas bellas cidades. Já se não ouvem as harmonias das musicas que esgotaram os seus mais ricos reportorios em honra de S. Antonio. Dispersaram-se os cortejos civicos e religiosos. Recolheram-se aos templos as procissões. Calou-se a voz animada e altisonante do pomposo Congresso Catholico Internacional. As cidades reassumiram a sua vida pacata de todos os dias e nas quebradas das aldeas já se extinguiu o echo que até lá havia chegado, transportado nas azas da fama, ou pela narração dos forasteiros. Mas de tudo quanto em honra de S. Antonio se fez e se disse não resta nada? Sumir-se-ão na voragem do esquecimento, ou viverão apenas nas frias paginas d'uma chronica indifferente as epopeias dos santos, como succede aos mais insignificantes acontecimentos de qualquer aventureiro? Não. *O in memoria aeterna erit justus*, não seria perfeito se somente se effectuasse além da campa na memoria de Deus. E' preciso que se realise ainda na vida presente e na lembrança dos homens,

S. Antonio, que nunca foi esquecido dos portuguezes, muito menos o será agora. O seu septimo centenario foi uma voz formidavel que echoou aos ouvidos de todos os portuguezes despertando ainda os mais profundamente adormecidos na indifferença religiosa.

E este despertar não será passageiro; permanecerá. Temos d'isto a mais firme convicção.

O septimo centenario veiu mostrar que nos portuguezes ainda havia restos da sua fé tradicional, e que elles são capazes de grandes cousas, quando tiverem quem os guie. Esta fé accendeu-se mais; revestiu-se de novo brilho pela esplendorosa manifestação que deu de si mesma. E este brilho não se apagará, e por isso não serão estereis os resultados do centenario de S. Antonio. Não passará inutilmente para a religião e para a sociedade, como tantos outros acontecimentos, aliás bem memoraveis, que electrizam momentaneamente os seus espectadores.

Extremaram-se os campos, e os catholicos genuinos tiveram occasião de medir as forças com que podem contar. São todas as do paiz. Viu-se claramente que o catholicismo do povo portuguez, se não tem acção, não deixa de estar vivo.

Não se devem intimidar os catholicos julgando-se inferiores em numero e forças, só porque meia duzia de meliantes, assalariados pelas seitas sem prestigio, motejam os actos do culto, ou despejam pela imprensa o odio insano de que se acham gravados contra a religião e contra tudo que é digno de honra e respeito. São poucos, sem apoio moral e somente abundantes e fortes em audacia.

O centenario de S. Antonio seja uma prova e um incentivo do que se pode fazer quando se unem as forças, e do muito longe que se pode ir quando estas forças estiverem mais unidas e receberem direcção mais uniforme.

Se as diversas formas de politica em que militam os catholicos portuguezes os obriga a estar divididos por amor dos seus interesses pessoaes, ou da collectividade a que pertencem, nunca a politica sirva de barreira que impeça a união nos interesses communs á religião e á patria a respeito dos quaes nunca poderá haver politica seria que os separe. E assim se accentua mais uma vez que só no ideal da Religião pode haver unidade, porque só ella é uma, como o seu auctor divino, só ella é indivisivel como a verdade que lhe serve de base. O centenario de S. Antonio comprovou este argumento. Não foi inspirado pela politica, foi impulso da religião, e para o celebrar juntaram-se os homens de todas as cores politicas que ainda conservam crenças. E quando d'este septimo centenario nos não ficasse outra lembrança mais grata nem outro effeito mais util, bastaria este para nos consolarmos, porque nos evidenciou o que somos e o que podemos vir a ser. Não; o echo do centenario de S. Antonio não se apagará tão cedo no coração e na mente dos portuguezes.

A sua *Voz* tem por missão reforçal-o, e querendo Deus, conseguirá o seu fim.

Quando o desanimo fizer rarear as fileiras dos que combatem unidos pela boa causa em Portugal, a voz de *S. Antonio* seja o grito que infunde ardôr e coragem em todos os valentes soldados da Religião e da Patria.



EXPOSIÇÃO MYSTICA

DA

Sagrada Escripura por S. Antonio de Lisboa, da Ordem do Seraphico Patriarcha S. Francisco d'Assis, e primeiro mestre das Sagradas Escripuras na mesma Ordem.

EXPOSIÇÃO DO LIVRO DO GENESIS

CAP. I — Creação mystica do mundo christão, por obra do Eterno Padre na pessoa de seu Filho Unigenito, Jesus Christo

(Continuação)

DEPOIS de ter contemplado a obra da criação espiritual do genero humano, pela incarnação do Verbo de Deus, passa S. Antonio a expôr a formação espiritual da alma, pelas virtudes que a elevam á consummação da sua perfeição, e diz:

No principio creou Deus, etc. São seis as virtudes da alma: a primeira é a contricção do coração; a segunda, a confissão de bocca; a terceira, a satisfação da obra; a quarta, o amor de Deus e do proximo; a quinta, o exercicio da vida activa e contemplativa; e a sexta, finalmente, é a consummação pela perseverança. Estas seis virtudes correspondem aos seis dias da criação, e verificam-se quando sobre a face do abysmo, isto é, do coração humano, se estendem as trevas do peccado mortal.

O homem soffre da ignorancia do conhecimento divino e da sua propria fragilidade, e não sabe discernir entre o bem e o mal. Deus disse no primeiro dia: faça-se a luz. Esta luz é a contricção do coração que illumina a alma, infunde o conhecimento de Deus e da propria enfermidade e mostra a distincção entre o bem e o mal.

No segundo dia: *faça-se o firmamento no meio das aguas*, etc. Este firmamento é a confissão que fortemente liga o homem para que se não desvie para as delicias sensuaes. Por isso o Senhor reproba o peccador que carece d'este firmamento, dizendo por Jeremias, 31: *Usquequo deliciis dissolveris, filia vaga?* e por Isaias, 23: *Transi terram tuam quasi fluvium filia maris, quia non est cingulum ultra tibi.* A alma em peccado é chamada filha do mar, porque á maneira de filha do demonio pende para os prazeres mundanos, os quaes, allucinando com a doçura apparente, causam as amarguras eternas.

As aguas superiores do firmamento são as torrentes da graça; as inferiores os estimulos da concupiscencia que devem estar sujeitos ao homem. Ou, de outro modo: na mente do justo estão as

aguas superiores, isto é a razão que é a força superior da alma, que impelle o homem para o bem. Também ha no justo as aguas inferiores, ou a sensualidade que o inclina para o occaso, isto é, para o peccado. Divide, pois, o firmamento da confissão as aguas superiores das inferiores, porque o que se confessa sahe de Sodoma, sobe aos montes, sem olhar para traz, a fim de que se não converta, como a mulher de Loth, em estatua de sal, que as feras, isto é, os demonios, devoram lambendo com avidéz. Aquelle, portanto, que sahe com os verdadeiros Israelistas do Egypto, e se dirige para a terra da promissão, não tome por guia a sua propria vontade, não aconteça voltar ás cebolas e outros manjares dos egypcios, isto é, aos desejos da carne. Rogo, pois, que se estabeleça o firmamento no meio das aguas, a fim de que dada ao confessor a caução do firme proposito de não recahir, para logo, na mesma confissão, como á hora de terça com os apóstolos, mereça enebriar-se com o mosto suave do Espirito Santo; e pela confissão convertido o peccador em vasilha nova se encha de novo vinho.

(Continúa).



CULTO DE S. ANTONIO

N'este numero omittimos a parte historica e tudo o que diz respeito á Pia União e Pão dos pobres, a fim de pormos os nossos amaveis leitores ao corrente das

Festas celebradas em Portugal no 7.º Centenario de S. Antonio

LISBOA

As festas que tiveram logar na nossa capital, durante o setimo centenario do grande Thaumaturgo de Lisboa, foram verdadeiramente esplendidas, indo muito além do que se esperava e correndo sempre na melhor ordem, se exceptuarmos algumas das manifestações que se fizeram, e que foram notas discordantes da harmonia geral das festas, como depois diremos.

O programma comprehendia festas religiosas e civicas, como os nossos leitores viram, quando, a seu tempo, se publicou na nossa revista.

Principiemos, pois, pelas

FESTAS RELIGIOSAS

TRIDUO SOLEMNE

Foram tres os sermões prégados durante o solemne triduo, que teve logar na capital nos dias 17, 18 e 19 de junho. O primeiro sermão foi prégado, na real capella de S. Antonio, pelo R. P. Fr. João da SS.^{ma} Trindade; o segundo pelo R. P. Fr. Manuel das Chagas, na Sé de Lisboa; e o terceiro pelo R. P. Fr. Francisco da S. Familia, na Igreja de S. Vicente de Fóra.

Não podia ser nem mais bem feita a escolha das Igrejas nem dos oradores; das Igrejas porque todas são monumentos que nos trazem á memoria o grande filho de Lisboa, recordando-nos o seu nascimento, baptismo, educação e noviciado religioso; dos oradores porque todos elles

são filhos de S. Francisco, e portanto irmãos do glorioso santo no habito.

Os sermões foram, como era de esperar, muito concorridos e applaudidos.

COMMUNHÃO GERAL; EXPOSIÇÃO SACRA ORNAMENTAL VILLA DE S. ANTONIO

No dia 20 houve communhão geral nas tres Igrejas — de S. Antonio, Sé e S. Vicente de Fóra, sendo muitissimo concorrida, mormente, pela primeira nobreza de Lisboa. E, n'este ponto, não podemos deixar de louvar o bom exemplo que deu á capital S. M. a S. D. Maria Amelia, que recebeu, acompanhada e imitada pelas suas damas, com muita devoção e edificação de todos, na real capella de S. Antonio, o SS. Sacramento da Eucharistia.

No dia seguinte, 21 de junho, S. Magestades o Sr. D. Carlos, a S. D. Maria Amelia e a S. D. Maria Pia procederam á abertura da exposição de Arte Sacra Ornamental, assistindo o Em.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha, o Sr. Nuncio, varios Prelados e outras dignidades civis e ecclesiasticas.

Sua Em.^{cia} leu um discurso adaptado ás circumstancias a que respondeu o Sr. D. Carlos com outro discurso.

Visitamos a exposição e ficamos deversas maravillados á vista das riquezas artisticas que põem aquelle museu de bellas artes acima d'alguns que visitamos no estrangeiro. Attrahiu-nos muito a attenção as obras que forneceram os conventos.

A exposição Sacra e Ornamental é um bom desmentido á nota de obscurantismo com que certos ignorantes procuram alcunhar os frades. Pena é que a Direcção tivesse a infeliz lembrança de expôr certo quadro que se vê na primeira sala do andar terreo á esquerda. E' uma nota desafiadissima n'uma exposição de Arte Sacra Ornamental. A verdade antes de tudo.

N'esse mesmo dia de tarde houve a inauguração da Villa de S. Antonio, á Junqueira, destinada a fornecer aos operarios, juntamente com a moralisação, todas as commodidades temporaes. A esta festa assistiram tambem Suas Magestades.

Será este estabelecimento christão confiado ás Franciscanas Missionarias de Maria, chamadas expressamente para esse fim pelo snr. Conde de Burnay.

MATINAS SOLEMNES E MISSA

No dia 23 houve de tarde matinas solemnes, que foram muito concorridas. A igreja estava brilhantemente illuminada e decorada. Era celebrante o Em.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha, assistindo muitos dos Prelados portuguezes que foram assistir ao congresso catholico. A capella patriarchal executou com muita perfeição os responsorios das matinas. Parece-nos que nada deixou a desejar.

No dia 24 principiou a missa solemne ás 12 horas da manhã, officiando tambem S. Em.^{cia} e correndo tudo perfeitamente.

Estavam presentes Suas Magestades com a côrte, todo o ministerio e corpo diplomatico, e muitos dos Snrs. Arcebispos e Bispos portuguezes e o Snr. Arcebispo das Antilhas. A concorrência foi numerosissima.

Foi executada a missa que se annunciara para este fim, composta pelo maestro Saubinet. Foi muito bem executada, havendo-se perfeitamente a parte instrumental; quanto á parte vocal o que mais effeito faziam eram os coros. Não podemos deixar de ser laconicos, porque os estreitos limites de que podemos dispor nos não permitem mais. Ao evangelho fez um bello panegyrico do Santo o Snr. Dr. Porphyrio da Silva.

Terminou a festividade com a benção papal, dada por S. Em.^{cia} o Snr. Cardeal Patriarcha.

CONGRESSO CATHOLICO

Esta reunião internacional, de cujas utilidades e copiosos fructos fallamos n'esta revista, quando alguns catho-

licos aventuraram tão feliz ideia, bastava por si só para tornar celebre o centenario antoniano. Foi o congresso uma grandiosa manifestação das crenças catholicas, apesar das sarcasticas e calumniosas criticas dos jornaes impios. A celeuma que a imprensa impia e anti-catholica tem levantado é uma contra-prova evidentissima do seu grande alcance. Ainda nos parece um sonho que em Lisboa os distinctos oradores dissessem o que disseram, fallando com uma franqueza que os honra, e que honra tambem o nosso bom povo portuguez.

1.^a sessão, 25 de junho

No dia 25, na Igreja de S. Vicente, que era o templo destinado para o congresso catholico, ás 11 da manhã, começou a missa do Espirito Santo, officiado o Snr. Arcebispo de Mytilene. Ao terminar a missa estavam reunidos todos os congressistas. Além do Snr. Cardeal Patriarcha, presidente do congresso, e do Snr. Cardeal Arcebispo de Valencia, presidente honorario, estavam presentes, além de muitos outros, o Snr. Nuncio, os Snrs. Arcebispos de Evora, de Mytilene e de S. Cruz das Antilhas; os Snrs. Arcebispos Bispos de Portalegre e Algarve; os Snrs. Bispos de Coimbra, Beja, Bragança, Vizeu, Angra e Guarda e grande numero de congressistas que enchem quasi todo o corpo da grande Igreja de S. Vicente. O Ministerio estava representado pelo Snr. Ministro das Obras Publicas, e a imprensa pelos redactores dos principaes jornaes da capital e da Palavra do Porto.

S. Em.^{cia} o Snr. Cardeal Patriarcha, secretariado por Mr. Serrano, pelo R. P. Fr. João da Trindade, Fernando Pedroso, e D. Thomaz Vilhena, depois de lidos os telegrammas para Sua Santidade o Papa e para Elrei e Rainha, abriu a sessão tomando a presidencia do Congresso.

Sua Em.^{cia} começa o discurso de abertura com estas palavras, que bem se viu serem um brado sincero que lhe sabia do fundo d'alma — *Gloria a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade!* A gloria de Deus, disse, e o bem estar dos homens, eis os dois fins que se propõe este Congresso.

Tece depois um breve mas eloquente elogio a S. Antonio, em cuja honra se celebra o Congresso; diz que S. Antonio é a maior gloria da Nação Portugueza; descreve em breves palavras as maravilhas do mundo corporeo, do mundo intellectual e da fé; e, porque, tudo procede do mesmo auctor que é Deus, conclue pedindo aos oradores que procurem por tal forma desenvolver as suas theses de sorte que haja perfeita harmonia entre as conclusões da sciencia e os principios da fé. Declara aberto o Congresso e dá a palavra ao Snr.:

Arcebispo de Evora, que defende a seguinte these: *Influencia benéfica e civilisadora da Igreja atravez dos tempos.*

S. Ex.^a começou o seu discurso dizendo que, depois de S. Em.^{cia} ter entoado o cantico dos anjos, elle orador saúda todo o Congresso com a formula obsoleta mas portuguezissima: — *Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo.* Congratula-se com a reunião do Congresso que prova a vitalidade da Igreja em Portugal; diz que a Igreja nunca será vencida, *et non praevalerunt*, por mais que seus inimigos a combatam. Diz que esbulharam o Vigario de Christo do seu poder temporal; mas que nem por isso deixa o exercito catholico de estar firme e energico, resplandecendo mais viva a fé e mais brilhante a crença e o amor dos filhos para com o chefe visível da Igreja. O orador dirige uma ternissima apostrophe á Igreja, e tão repassada foi de unção e entusiasmo christão, que por vezes se viu interrompido pelos applausos do auditorio.

Diz que a historia da Igreja é a da civilização, porquanto, a par do bem espirital, procura tambem o temporal, o progresso, a civilização, a felicidade do individuo, da familia e da sociedade. Diz que ha civilização e civilização, assim como ha caridade e philantropia, que é a moeda falsa da caridade. A definição que agora se dá de civilização é falsa, requintadamente falsa. A Igreja promove mas é a verdadeira civilização, a falsa detesta-a. Estigmatiza a falsa civilização, que promove só o bem temporal, excluindo o

espirital, superior, moral e religioso, offendendo o proprio Deus e a sua Igreja. A verdadeira civilização abraça-os a ambos e é d'esta civilização que S. Antonio foi uma das mais brilhantes personificações.

Nos seus primeiros alvares a Igreja substituiu aos horrores do paganismo a moral evangelica; ordenou aos subditos a obediencia, aos superiores a humanidade; com a activa influencia dos Concilios, dos Bispos e dos Padres, suavizou e aperfeiçoou a legislação romana, reabilitou a mulher, reconstituiu a familia, espalhou os institutos de beneficencia, suavizou a sorte dos escravos, inspirando os sentimentos de fraternidade christã, que nos faz todos irmãos perante Christo. Os martyres foram os primeiros tribunos da liberdade christã, que é a mãe de todas as liberdades.

A Igreja salvou a sciencia na invasão dos barbaros, salvou a Europa dos furores dos Mahometanos, oppondo-lhes as cruzadas. Refere-se aos serviços que prestou na Edad-media com as Ordens Religiosas, que defende da nota de ociosidade, dizendo que os frades foram sempre os maiores propugnadores do trabalho. Da chamada ociosidade dos frades nasceram para Portugal muitas glorias, nas artes, nas sciencias e nas letras, recordando Alcobaça, Arouca, a Arte Sacra Ornamental, etc. Diz que não podia passar em silencio as Ordens Religiosas, quando é certo que estas festas centenares eram nada menos que a glorificação de um frade, sendo o grande Thaumaturgo Filho de S. Francisco; e que espera que d'este centenario resulte o restabelecimento das Ordens Religiosas.

Refere-se á influencia da Igreja nas artes, nas Universidades, nas descobertas maritimas com o auxilio dos missionarios. Refuta as objecções que se fazem deduzidas da superioridade apparente das nações protestantes sobre as catholicas; defende a Inquisição necessaria em seu tempo, não agora, e defende tambem a Igreja, que não foi solidaria com a Inquisição Hespanhola; e, para isso, contrapõe o espirito de mansidão, tão proprio da Igreja Catholica.

Se a sociedade ficasse sem o apoio da Igreja, acrescentou, voltaria a barbarie. A sociedade sem a Igreja seria um cadaver.

Exhorta os catholicos a que evitem dissensões, e que procurem unir-se para serem fortes, para que a Igreja possa exercer a sua influencia benéfica e civilisadora; para que possamos vencer.

Conclue levantando um viva a Leão XIII.

S. Ex.^a foi muito applaudido.

Seguiu-se o Snr.:

Commendador Toli, que veio em nome do Summo Pontifice fallar ao congresso, como presidente da obra dos congressos catholicos na Italia e representar a obra dos Circulos Catholicos Italianos.

Falla em italiano com muita clareza e elegancia. Saúda a assembleia, lamentando não poder fallar em portuguez. Saúda Portugal em nome da sua patria; refere-se ao movimento catholico, elogiando o nosso episcopado; excita os portuguezes á união, tão necessaria para ou vencerem ou morrerem. Mostra sua alegria vendo-se na patria de S. Antonio, que é, diz, gloria de Portugal e Apostolo de Italia, unindo assim as duas nações em fraterna amizade.

Diz que ouviu de joelhos as palavras do Santo Padre, que envolviam uma benção para Portugal, para o seu soberano, para o episcopado, para todo o povo portuguez, para o congresso.

Encarece o Congresso Internacional, elogia Leão XIII, e pede que se dirija ao Prisioneiro do Vaticano um telegramma em nome da Lisboa catholica e do Povo Portuguez, pedindo a benção do Santo Padre.

Seguiu-se:

Mr. Estanislau Almonacid, camareiro de S. Santidade e professor do Seminario de Barcelona. Demonstrou que a *Religião Catholica é a unica verdadeira e divina.*

Disse que a religião verdadeira é uma só, porque só ha um Deus; acrescentando que, assim como entre dois pontos só pôde haver uma recta, e todas as demais linhas que se tirarem entre esses dois pontos serão tudo menos rectos, assim tambem entre o homem e Deus só pode haver uma unica linha recta, um só laço, sómente uma religião verdadeira.

Disse tambem que a unica religião que ha e pode haver é divina, porque o seu fundador é o mesmo Deus.

Foi depois dada a palavra ao Snr.:

Dr. Luiz José Dias, deputado e prior de S. Catharina, que defendeu a these: *Origem da vida em Deus*.

Descreve qual o methodo que deve seguir o naturalista, o philosopho e o theologo, acrescentando que apesar da sua these se poder proceder da materia, por sua natureza inerte; logo deve recorrer-se a um principio extranho á materia. Gerações espontaneas não podem admittir-se, porque teriamos effeito sem causa; devemos portanto admittir um Deus Creator, que dá aos seres corporeos o principio vital que os anima — a vida.

Demonstra com os dados que lhe subministra a Phisica, a Chimica e a Mechanica, que, de todos os phenomenos até agora observados, se deve rigorosamente concluir que a vida não pode proceder da materia, por sua natureza inerte; logo deve recorrer-se a um principio extranho á materia. Gerações espontaneas não podem admittir-se, porque teriamos effeito sem causa; devemos portanto admittir um Deus Creator, que dá aos seres corporeos o principio vital que os anima — a vida.

Sua Ex.^a revelou profundo conhecimento das sciencias naturaes, sendo por isso muito applaudido pelas pessoas entendidas na materia.

Temos pena de não poder dar maior desenvolvimento ao sabio discurso de Sua Excellencia, visto que o não permite a falta de espaço.

Depois de terem fallado todos os oradores, foi lido o telegramma do Sr. D. Carlos, em resposta ao que lhe fôra enviado no principio da sessão pelo Congresso.

Adhesões ao Congresso

Leram-se as seguintes n'esta primeira sessão:

Arcebispo de Burgos, e de Braga; Bispos de Padua, Barcelona, Oviedo, Madrid, Burmonde (Hollanda), Salamanca, Ciudad Rodrigo, Palermo, Baromonde (Belgica), e de Tricarico; Arcypreste da Lagonia; Directores da Obra dos Circulos Catholicos de operarios; conselho superior das obras dos congressos na Italia; *Comités* dos congressos catholicos italianos da diocese de Asti (Italia) e de Padua; Principe da Soewenstein, Commissario dos congressos catholicos na Allemanha; Associação Catholica de Allemanha, 175:000 socios; Sociedade Catholica das Industrias e Amigos dos operarios (Arbeiterwolvi); Conde Carlos Nicoloy; Sociedade Operaria de Tornay; Associação de Adoração nocturna de Valencia; Circulo Catholico de Milão; Sociedade Catholica de Gracia; Academia Catechista de S. S. Justo e Pastor de Barcelona; Patronato Operario de Barcelona; Obra Propagandista das boas leituras de Barcelona; Obra Pia contra a blasphemia e outras associações tambem de Barcelona.

2.^a sessão, 26 de junho

Depois da Missa do Espirito Santo, Sua Em.^{cia} tomou a presidencia e declarou aberta a sessão eram 11 ³/₄ horas, e deu a palavra ao Sr.:

Arcebispo-Bispo do Algarve, que desenvolveu a these: *Necessidade das ordens religiosas, mormente para as missões ultramarinas*.

Exalta S. Antonio, que, apesar de pobre franciscano, foi grande pela virtude e santidade onde se encontra a verdadeira grandeza e belleza. E' n'estes exemplos, que nos deixou S. Antonio, que está o remedio a um mal causador entre nós de tantos outros males — a soberba.

Disse que a cousa mais difficil é o sacrificio e a cousa maior é o sacrificio de toda a vida, que é o sacrificio dos frades, que vão buscar força ao sentimento religioso. Foram elles, os frades, que trabalharam pela Europa contra o erro; foram os que mais teem auxiliado a sciencia, a agricultura, a industria, o commercio, as artes, os estudos historicos e a litteratura. O florescimento das ordens religiosas liga-se intimamente com o resurgimento da civilização.

E, apesar de tudo isto, este paiz não os quer, fecha-lhes a porta, persegue-os e vexa-os. Existe o direito de associação para todos, menos para a Igreja. Tudo é permitido n'este malfadado paiz, menos o que o devia ser.

O homem sem esperanças appella para o suicidio, que é a maior das cobardias, porque lhe fecharam os claustros que eram o conforto dos afflictos.

Póde o homem commetter o suicidio, que é o maior attentado contra a vontade de Deus, e não lhe deixam encerrar-se n'um claustro, ajoelhar-se aos pés de um crucifixo, para lhe pedir lenitivo e consolação ás suas dores. Quando se dará á Igreja toda a liberdade de acção que por direito lhe pertence? A falta de fé é a causa da ruina moral d'este povo.

Não ha fé? pois restabeleça-se com as ordens religiosas. O franciscano, o jesuita, o dominicano, tudo isso é necessario para erguer as crenças, levantar a moral, e praticar as obras de beneficencia. E' preciso que os poderes publicos o façam em homenagem á justiça e ás necessidades economicas.

Combatem-se as ordens religiosas porque são o mais poderoso apoio da Igreja.

Diz que são necessarias nas colonias; adduz os serviços prestados pelos dominicanos, franciscanos e jesuitas nas colonias, onde são mais necessarios do que os soldados. A admissoão dos religiosos não ataca nenhum principio, a sua expulsão offende todos os direitos e todos os principios. Refere-se ao mal que nos fazem os pastores protestantes; adduz testemunhos insuspeitos a favor dos religiosos; apresenta o exemplo da Hespanha, França, Italia, Allemanha e Inglaterra; diz que regeitando os frades, somos retrogradados, não tendo o bom senso dos proprios protestantes que fomentam as missões catholicas nas suas colonias.

Pede que se restabeleçam as ordens religiosas para occorrer aos interesses nacionaes e darmos esta consolação a Leão XIII, que tantas vezes nos tem provado a sua estima e amor.

S. Ex.^a foi muito applaudido.

Fallou em seguida o Snr.:

P. G. de Pascal, distincto professor da universidade de Lille, celebre sociologista francez, filho de S. Domingos e notavel escriptor catholico ¹. Explana magistralmente em francez a sua these: — *O socialismo moderno e as suas consequências para a Religião e para a sociedade*.

Falla da questão social e da sua importancia; combate com muita eloquencia o socialismo, refutando a solução que os socialistas costumam dar á questão social, com grande copia de argumentos; e sustentando que é uma questão de tal ordem, que se não pode resolver sem o auxilio da fé. Para chegar a esta conclusão, considera o socialismo como religião, como critica e como doutrina economica. Como religião elimina Jesus Christo, pondo em seu logar a humanidade, diviniza o homem; como critica, estabelece a criminosa alliança do liberalismo com o capitalismo, produzindo a exploração e oppressão do operario e a lucta fratricida das classes; como doutrina economica, destróe toda a organização social e perturba a ordem. D'aqui infere que os socialistas são uma peste da sociedade moderna, e que, por conseguinte, todos os catholicos se devem unir para a combaterem efficaçamente. Para isso é necessario que se recorra aos ensinamentos da Igreja e aos principios da fé.

Exalta o trabalho que nos é imposto por todas as leis divinas e humanas.

Seguiu-se o Snr.:

Conselheiro Barros Gomes, que defende a necessidade do *Ensino religioso nas escholas*.

Diz que a Religião não pode ser tão sómente uma questão de sentimento; deve radicar-se bem e confirmar-se com os principios da razão e com os ensinamentos da Theologia.

A Philosophia soffre uma crise medonha, e, por isso, contra a sciencia materialista por toda a parte se levanta uma reacção esperancosa, recebida e accete pelos mais eminentes pensadores e pelos espiritos mais lucidos. A sciencia caminha, e deve caminhar, a par e passo com a fé para fazer d'ella uma força, assim como a fé faz da sciencia

¹ Tem escripto até agora: *Le Pouvoir Social et L'ordre économique; L'Eglise et la question sociale; Philosophie Morale et sociale*; e varios artigos na revista das questões operarias — *Association Catholique*.

cia uma virtude. Diz que a Religião é perseguida porque a ignoram, principalmente as classes medias e as dirigentes. E' necessario, para se resolver a questão social, que o ensino religioso guie a creança desde a escola, onde se requer a intervenção do padre catholico com o catechismo. Não sou reacionario, disse, expondo esta necessidade, o proprio Julio Simon a reconheceu. E' necessario que os poderes publicos reconheçam esta necessidade, a apoiem, estabeleçam e defendam.

Ensine-se na escola primaria o catechismo, na secundaria porém explanem-se os principios do dogma e da moral, demonstre-se a divindade de Jesus, e não se esqueça o estudo da historia da Igreja. Se assim não fizermos, o espirito publico encontrar-se-ha desarmado perante as doutrinas disseminadas pelos jornaes, pelos romances, pelos folhetins e pela tribuna; doutrinas falsas e perigosas contra as quaes o povo não poderá reagir. Sirva-nos de exemplo a preponderancia que tem o ensino religioso na Allemanha, Hespanha e Belgica. Na Allemanha, nas certidões de exames, passadas aos alumnos no final do curso, a primeira cousa que se indica é que conhece perfeitamente a religião do estado. Em Hespanha o ensino religioso não estava comprehendido nas disciplinas secundarias, a questão levantou-se em Janeiro ultimo e o resultado foi a criação de uma cadeira de religião em todos os cursos secundarios. Na Belgica foi banido o ensino religioso, estabelecendo-se a moral leiga, o governo porém teve que transigir porque de toda a parte se levantaram escolas catholicas; e, a 11 de junho d'este anno, teve o governo de apresentar um projecto de lei em que tornava obrigatorio o ensino religioso.

Fallou com muito affecto de S. Antonio, da Ordem Seraphica, de alguns dos santos que tem dado á Igreja e do benefico influxo que tem exercido na sociedade. Pede o restabelecimento das ordens religiosas.

O eloquente orador termina recommendando a leitura da Biblia, mórmente a do Novo Testamento, e fazendo um appello aos Srs. Bispos, para que se consiga uma lei semelhante á hespanhola.

Teve depois a palavra o Snr. :

Giovanni Toniolo, professor de economia politica na Universidade de Pisa e famoso sociologista.

Defende em italiano a these: — *A bancarrota da sciencia.*

Historia, com muita eloquencia e conhecimento de causa, o descredito a que chegou o materialismo e o positivismo; e por isso o combate com muita energia, mostrando como os materialistas e positivistas procuram encobrir todos os seus absurdos com o pomposo titulo de sciencia. Demonstrou, com muitos e graves argumentos, que a sciencia materialista e positivista, não é verdadeira sciencia, firmando-se principalmente no argumento da finalidade, sustentando com Hartemann, que para uma sciencia merecer este nome ha de visar a um fim qualquer, e, como o positivismo o não tem, deve excluir-se do campo scientifico.

Faz notar o feliz regresso que a sciencia está tomando para o catholicismo.

Terminado que foi o seu discurso, pelas 4 horas, S. Em.^{cia} o Snr. Cardeal Patriarcha encerrou a sessão.

Adhesões recebidas

Patriarcha dos armenios catholicos; Membros do Centro Allemão; Presidente da Reunião Catholica da Austria; Principe Isemburg; Barão de Heeremann; Congressantes de S. Luiz de Valença; Ordem Terceira de S. Francisco de Barcelona; Sociedade Protectora dos Operarios de Saragoça; Redacção do jornal *El Polar* de Saragoça; Salutation Sabatina de Barcelona; do jornal *Eco* d'Italia; dos jornaes congressistas da Liturgia; Circulo Catholico de Gyoer (Hungria); Patronato Operario e Conferencia de S. Vicente de Paulo de Tarragona; Barão de Berger (Welfang); Congregação da Immaculada e S. Luiz, Circulo de S. José e Centro Dominical de S. Pedro de Barcelona. São dignos de especial menção os telegrammas seguintes da Snr.^a D. Amelia e do Snr. Arcebispo de Madrid. «Agradeço do coração as palavras que, em seu nome e em nome da commissão central do Congresso Catholico internacional de Lisboa e de toda a assembléa, o Cardeal Patriarcha acaba de me di-

rigir e que recebi com o maior agrado.» *D. Amelia, Rainha.* «O Bispo de Madrid, cabido da Cathedral, beneficiados, Seminario conciliar, clero parochial, comunidades religiosas e povo fiel saúdam com entusiasmo esse congresso internacional, pedindo ao ceu abençoe os seus trabalhos, para prosperidade da Igreja e da nobilissima nação lusitana.» *Arcebispo, Bispo de Madrid.*

3.^a sessão, 27 de junho

Abriu ao meio dia, depois das ceremonias das sessões antecedentes e sob a presidencia do Snr. Cardeal Patriarcha, que deu a palavra ao

R. P. Hickey, religioso irlandez de S. Domingos, doutor em theologia, consultor da S. C. do Concilio e qualificador do S. Officio em Roma. Discursou em francez acerca da these: *A Religião e o bem estar social.*

Falla dos congressos catholicos, attribuindo-lhes a singular vantagem de centralizar as forcas catholicas e os meios de acção de que dispõe a Igreja. Refere-se á questão da repartição, que tanto afflige as sociedades modernas; encara este problema não somente em si mesmo, senão tambem em relação com a Igreja. Diz que só a Religião poderá resolver este bem como todos os outros problemas sociaes, e por isso se requer a interferencia da Igreja pelo Summo Pontifice. Só a Igreja sabe alliviar o soffrimento dos desgraçados, occorrer ás necessidades dos povos e proporcionar os meios para a vitalidade do estado. Diz que a Religião Catholica aponta a todos os catholicos como remedio a este mal estar social os seguintes principios: que os bens d'este mundo estão sujeitos á actividade do homem, a fim de que possa occorrer ás necessidades da vida; que os privilegios de que gosam os homens, devem considerar-se dons especiaes que lhes são concedidos por Deus; que, para se conservar a economia social, necessario é que se basee nos dois amores de Deus e do proximo.

Fallou depois o Snr.

Dr. Agostinho de Azevedo, conego da Sé Patriarchal e professor do seminario de Santarem. Defendeu a these: *O Pontificado Romano é a mais poderosa alavanca do progresso.*

Historia a influencia do Pontificado atravez dos tempos, desde S. Pedro até Leão xii, sustentando que o Pontificado trabalhou sempre por alargar os limites da civilização religiosa, moral e material, á custa dos maiores sacrificios e perseguições. Sejamos-lhe pois gratos pelo bem que nos fez, e pelo que por nós soffreu.

Os Papas, obedecendo ao preceito do Divino Mestre, pregam sempre a verdade, não obstante o odio das classes, o interesse do sacerdocio, o orgulho da philosophia, o fanatismo das massas e a espada dos imperadores.

Com a paz da Igreja, os Pontifices tomaram o lugar que lhes competia e os reis e os imperadores foram infelizes ou felizes conforme respeitavam ou offendiam a auctoridade suprema do Vigario de Christo. O estado e a Igreja, posto que independentes, devem dar-se as mãos, auxiliando-se mutuamente, isto exige-o a origem, natureza, meios e fins de ambas estas sociedades. O Pontifice, porque é Supremo cabeça da mais nobre das sociedades, é superior aos imperadores, que, por isso mesmo, lhe devem estar sujeitos. D'ahi a necessidade de se juntarem n'uma mesma cabeça a tiara e a corôa; o Pontifice deve ser tambem rei, afim de poder desempenhar a sua missão providencial. Assim como o sol não permite que os outros astros brilhem em sua presença, assim tambem, onde está o Supremo Gerarcha da Igreja, só o brilho da sua auctoridade deve resplandecer.

Só o Summo Pontifice pôde ligar e desligar; a ninguém, pois, é inferior senão a Deus. Os reis e os imperadores são seus subditos, e por isso devem respeitar sempre as decisões pontificias.

Descreve a historia do poder temporal, e como com elle attingiram maior desenvolvimento sciencias, artes, industria, commercio, politica e todos os ramos de administração publica.

Conclue fazendo votos para que a Italia restitua o po-

der temporal usurpado, e levantando um viva ao Papa Rei. Seguiu-se o Snr.

D. *Thomaz de Vilhena*, presidente da Associação da Mocidade Catholica de Lisboa. Propoz-se defender a these: *Meios de reunir as forças catholicas em defeza dos direitos e liberdades da Igreja e interesses da Patria.*

Disse que os prégoeiros da liberdade moderna só sabem tyrannisar as classes populares, servindo-se de um jornalismo sem criterio nem consciencia. Nunca vi esses prégadores ao lado dos pobres enfermos filhos do povo, a quem procuram enganar; lá tenho visto mas é as irmãs de caridade, que, por isso, elles desalmadamente perseguem. Esses philosophos o que são é demolidores de tudo o que é grande e generoso.

E' necessario fomentar o renascimento religioso com a catechese, as associações da mocidade catholica, associações operarias, concorrendo para isso o poderoso auxilio do clero. Sirva-nos de exemplo o movimento catholico que vai por outros paizes, mórmente na Allemanha, França e Hespanha. Encetemos e prosigamos no combate com fé; mas, não basta que essa fé seja theorica, é preciso que seja pratica, precisa-se da lucta. Não haja medo, que não ha motivo para o ter.

Como S. Ex.^a electrissasse o auditorio com a eloquencia nervosissima do seu discurso, freneticamente applaudido, disse que os applausos, não era a elle orador que pertenciam, era á verdade que dizia porque a sentia, e que, por conseguinte, fossem os congressistas cordatos em seus applausos — *que trabalhassem.*

Seguiu-se o Snr.:

P. *Manuel Anaquim*, Doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra, que defende a these: — *O Hypnotismo nas suas relações com as leis divinas e humanas.*

Diz que é necessario estabelecer uma forte reacção para que a moral e a sciencia não percam o equilibrio que lhe querem fazer perder as revoluções scientificas. Falla da revolução philosophica que produziu o positivismo de Augusto Comte, gerando, com a psychophysiologia, a suggestão hypnotica, que inutilmente se adduz para a negação do sobrenatural, por confissão dos seus proprios apologistas. Falla dos abusos do Hypnotismo, dos crimes que tem originado e que pode vir a originar, admittida a inconsciencia do hypnotisado, e que por isso é prohibido o Hypnotismo em todas as nações cultas, não excluindo o proprio Portugal, pela portaria de 11 de abril de 1880.

Enumera as diversas eschólas ácerca da responsabilidade criminal; concluindo com o Dr. Crocq, filho, que se dão casos em que subsiste e outros em que desaparece por completo a liberdade necessaria aos actos humanos.

A suggestão é, pois, um phenomeno meramente natural; só admissivel na applicação scientifico-therapeutica; pode ter applicações criminosas; e por isso foi, com as devidas reservas, reprovada pela Igreja.

Seguiu-se o Snr.:

Conde de Orgaz, presidente da Associação da Mocidade Catholica de Madrid, e, em cujo nome e em nome da Hespanha, saúda seus irmãos de Portugal. Fallou do movimento catholico hespanhol, inspirado pelos ensinamentos do Summo Pontifice, e faz votos para que o mesmo se faça em Portugal, a fim de vir a ser o que foi outr'ora, um dos maiores povos do mundo.

Adhesões

Ordem Terceira do Campo Grande; União das escolas catholicas da Austria; Associação das Senhoras de Madrid; Junta das damas de honra e merito de Madrid; Associação Operaria da Covilhã; Pessoal dirigente e docente do Collegio das missões; Pessoal dirigente e docente do Seminario de Bragança; Circulos Catholicos Operarios de Madrid; Comitato Diocesano de Reggio; Duque de Sotto Maior, presidente da sociedade protectora dos operarios de Madrid; Associação dos sacerdotes, senhoras e cavalheiros da doutrina christã de Madrid. A Associação protectora da classe operaria de Madrid é representada no Congresso por tres doutores em direito e um em medicina; a Congregação de S. Luiz de Gonzaga da mesma cidade por tres doutores em direito seus membros; o jornal *El Adalid* pelo

seu director; os obreiros dos circulos catholicos de Madrid por cinco de seus membros.

4.^a sessão, 28 de junho

Findas as cerimoniaes dos dias antecedentes, foi aberta a sessão sob a presidencia do Sr. Cardeal Patriarcha, que deu a palavra ao Snr.:

P. *Senna Freitas*, bem conhecido no mundo litterario pelos muitos e bons escriptos que tem publicado. Fallou da *authenticidade e valor historico da Biblia.*

Disse e provou que, mesmo considerando os livros sagrados pelo lado historico são incontestavelmente authenticos, não obstante os esforços da impiedade em contrario, por isso que trazem consigo o cunho da mão dos seus auctores, corroborando a sua asserção com o testemunho de todos os escriptores catholicos desde os primeiros seculos do christianismo até hoje.

Comprovou a authenticidade da Biblia, recorrendo á probidade e sciencia dos ageologos, á gravidade dos factos que narram, á perfeita harmonia com os escriptores contemporaneos mais adversos ao christianismo; prova a impossibilidade moral de qualquer interpolação, concluindo que não ha livro que em si resuma tantos caracteres de authenticidade.

Disse que, sendo a Biblia o livro por excellencia, merece de todos os catholicos respeito e profunda veneração; merece ser lida e estudada principalmente pelos ecclesiasticos, havendo porém todo o cuidado em não se lerem senão edições approvadas, procurando penetrar o seu verdadeiro sentido com a leitura e consciencioso estudo de bons interpretes.

Foi dada em seguida a palavra ao

R. P. Fr. *João da Trindade*, religioso de S. Francisco, formado em Theologia e Philosophia pela *Propaganda Fide* de Roma, nosso collega na redacção e actual director d'esta Revista. Este orador fallou sobre a *moral independente e suas consequencias para a sociedade.*

Considera o Congresso como parlamento catholico de Portugal, e, para manifestar o grande jubilo de ter de fallar perante tão auspiciosa assembleia, congregada em honra d'um seu irmão no habito, começa por levantar um viva a S. Antonio.

Começa depois a desenvolver a sua these, dizendo que o que mais interessa ao homem é conhecer o seu principio e o seu fim. A razão de ser das cousas, conhece se pela natureza do seu fim. Foi com esta consideração que Socrates chegou a fundar a Moral, que se propõe moralisar e aperfeiçoar o espirito assim como a Logica tem por fim dirigir a razão.

De ha dois seculos a esta parte os philosophos pozeram de parte questões palpitantes, que então faziam epocha nas eschólas, para se consagrarem com especial predilecção á Moral.

E' da moral independente que vae fallar a qual, pelo seu proprio nome, dá a conhecer toda a sua malicia. A moral independente é athea e materialista. E' athea porque nega a personalidade em Deus, condição absolutamente necessaria para que se admitta a intelligencia e a liberdade em Deus. Um Deus que não é pessoal, não é tambem intelligente, nem livre e por conseguinte não existe.

Dizem os fautores da moral independente, que «o homem só tem a respeitar a liberdade e responsabilidade dos outros». Mas d'onde veio esta lei? Podia provir ou do mesmo Deus, ou se deve admittir como forma subjectiva ou finalmente se deve concluir que tem por causa a razão humana. Não podia provir de Deus, porque os fautores da moral independente o não admittem; forma meramente subjectiva tambem não, porque não teria o caracter de imutabilidade tão proprio da lei; logo proveio da razão. Portanto a moral independente attribue á razão humana propriedades que só podem competir a Deus, o que é mais uma razão para nos convenceremos que a moral independente é athea.

Este systema é tambem materialista, porque todo o systema atheo é por sua natureza materialista.

Pode porventura sustentar-se semelhante doutrina?

De modo nenhum, porque a moral supõe o sujeito do dever, a quem se attribuem direitos e obrigações; ora o sujeito do dever não pode ser por forma alguma material, ha de ser necessariamente espiritual. Além de que se deveria necessariamente negar o bem e o mal, o premio e a pena, a vida futura e todas as sciencias.

Senhores, quem ensina isto não é só a philosophia dos padres é a philosophia de Socrates, de Platão, de Aristoteles que foram pagãos, é a philosophia de todos os seculos.

E' pois claro que a moral independente conduz á deificação da razão humana e á idolatria; e, portanto, não pode ser uma lei universal, porque, sendo cada homem

agente e fim de si mesmo, cada qual escolherá uma moral a seu sabor.

A moral independente é, para me servir da expressão do R. P. Paschal, orador d'este congresso, a peste da sociedade. O homem, querendo elevar-se como Lucifer, desce abaixo do nivel dos proprios-irracionaes.

O rigor logico com que procedeu o orador, e as conclusões practicas que tirou do seu discurso, grangearam-lhe prolongados applausos.

Foi dada em seguida a palavra ao Snr.

Conselheiro Jeronymo Pimentel, ex-governador civil de Braga e actual director da Penitenciaria.



S. ANTONIO

AOS PÉS DO PRIOR DO MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

Discursou sobre a these: *O movimento catholico no fim do seculo XIX em frente do socialismo e do anarchismo.*

Fallou dos progressos do christianismo apesar da guerra que se lhe fez no fim do seculo passado.

Referiu-se ás doutrinas que os socialistas tem propagado contra os direitos de propriedade, que defendeu contra os ataques dos seus inimigos, estabelecendo a necessaria distincção, entre o direito da propriedade e o seu uso.

Defendeu os fóros da familia contra a chimerica união livre, sonhada pelos socialistas.

Teve depois a palavra o Snr.

Bispo Conde de Coimbra, que se propõe resumir os discursos dos oradores que o precederam.

Diz que orando, antes de vir a Lisboa, junto ao tumulo do nosso primeiro rei, lhe pareceu ver surgir do seu tumulo D. Alfonso Henriques, mais a Rainha santa, mandando-lhe que fosse dizer ao Congresso e a todos os que governam o reino, que foi com a fé que elle se tornou grande, que na virtude está a gloria de um povo; e que, se Portugal quera tornar a ser grande, pela fé trabalhasse e pela virtude.

Falla do movimento catholico que em Portugal se tem despertado n'estes ultimos tempos com applauso geral, com

apoio unanime dos nossos grandes estadistas e consolação do Summo Pontífice; que a Igreja lucha mas vencerá, porque é de sua natureza divina, e que elle orador não teme as ameaças dos inimigos d'ella.

Refere-se aos discursos proferidos elogiando os distinctos oradores que o precederam. Exalta o prestigio do Papa, que, sem exercito, sem soldados, sem defeza, se impõe a todos os potentados do mundo.

Refere-se á politica do Santo Padre: elogia e agradece a S. M. a Rainha e ás outras senhoras de Lisboa que concorreram para o engrandecimento das festas antonianas; agradece ao governo o seu auxilio. Elogia o Snr. Cardeal Patriarcha pela iniciativa do Congresso, pedindo-lhe ao mesmo tempo que trabalhasse pela realisação de novos Congressos Catholicos em cada uma das capitães das provincias de Portugal. Dirige finalmente um appello aos catholicos para que concorram unanimes para a solução da questão social, e que se unam, esquecendo divergencias inspiradas pelo orgulho.

Terminado este discurso, o Snr. Cardeal Patriarcha encerrou a sessão.

A adhesões

Arcebispos de Montreal, e de Gaeta; Bispo de New-York; Vigario Capitular com todos os catholicos de Utrecht; Conde de Sylva e Tarouca, em nome dos catholicos da Austria; Condes de Zichy e de Hexterhorzy, em nome dos catholicos da Hungria; Principe Carlos, em nome da Archi-confraria de S. Miguel de Vienna; Sacerdotes e catholicos de Montreal; Conferencia de S. Vicente de Paula de Lisboa; Liga Operaria de Utrecht (Hollanda); Dr. Herrgen em nome das Congregações de Maria de Vienna; Redactores do jornal *Tiroler* (Volksblatt); Associação Christã Social Vindobones (Austria); Marquez de Montalvo, em nome da Associação Catholica de Madrid; Conde de Schoenborn, presidente da União Catholica politica de Bohemia.

5.^a sessão, 29 de junho

Terminadas as ceremonias dos dias antecedentes, S. Em.^{cia} o Snr. Cardeal Patriarcha tomou a presidencia, abriu a sessão, e deu a palavra ao Snr.:

Dr. Pinto Coelho, distincto advogado e fervoroso catholico de Lisboa. Falla sobre — *A necessidade de restabelecer em Portugal as Ordens Terceiras de S. Francisco e S. Domingos em harmonia com a sua regra, para despertar a fé e a piedade.*

Diz que as Ordens Terceiras são verdadeiras Ordens Religiosas; e, porisso, distinctas de irmandades, confrarias, simples institutos de caridade e oração

As Ordens Terceiras são verdadeiras milicias de Christo; é este o caracter que lhes attribue Leão XIII, e que teve em vista o grande Patriarcha, S. Francisco de Assis, seu primeiro instituidor.

Esse grande santo de Italia, perfeito retrato de Jesus Christo, suscitou com suas pregações um movimento popular extraordinario.

Todos queriam ser seus discipulos na Primeira ou Segunda Ordem, mas, como nem todos podiam realizar os seus desejos, ideou e fundou a Ordem Terceira, que foi coroada de exitos esplendidos.

Papas, cardeaes, reis, como S. Luiz, S. Fernando; poetas, como Dante, Tasso e Camões; artistas, como Raphael, Miguel Angelo, Murillo; aventureiros, como Christovão Colombo, pozeram a sua gloria em serem terceiros de S. Francisco.

Contra a escravatura branca do feudalismo, provoca S. Francisco a reacção por meio da Ordem Terceira, libertando assim os povos d'uma cruel tyrannia. Fundada a Ordem Terceira, conheceu-se logo o seu caracter militante, na independencia das communas, quebrando-se os grilhões de Frederico II e dos senhores feudaes, e ficando d'est'arte livre a Igreja e os povos.

Agora tambem ha lucha, e quem n'ella esconde a sua fé, será inimigo de Christo, porque «aquelle que não é por

mim é contra mim» diz Jesus Christo. Esta lucha é difficil, porque para nossos inimigos todos os meios lhes servem; e nós só nos servimos dos meios que propõe a justiça; com tudo para nós será a victoria, se trabalharmos com fé, com verdade, e simplicidade.

A fé deve ser a nossa arma, para isso temos Lourdes, que é o instrumento de que Deus se serve para curar a cegueira dos espiritos. Ali reconhecemos nós a divindade da Igreja Catholica, porque Lourdes prova com suas 20:000 curas, authenticadas com o testemunho insuspeito de 1:000 medicos, o dogma da Immaculada Conceição, que é exclusivamente catholico.

E' necessario que nos associemos. Os impios associam-se ás occultas nas sociedades secretas, nas lojas masonicas; associemo-nos publicamente, á luz do dia, á vista de todos. Socorramos os pobres; fundemos hospitaes e misericordias; subsidiemos o culto; difundamos a verdade pela boa imprensa contra a impia e má; moralizemos a sociedade, restaurando os bons costumes e estreitando os sagrados laços da familia. Tudo isto fazem as Ordens Terceiras, que Leão XIII tanto deseja. As outras instituições não teem raizes nem tradições; aproveitem-se, pois, as Ordens Terceiras que tudo isto teem, infundindo-lhes sangue novo: as outras associações são muitas vezes exclusivistas, as Ordens Terceiras fraternizam todas as classes, nem o que occupa elevada posição social se envergonha de apertar a mão callosa do operario.

A nossa gloriosa historia resulta da alliança da espada com a cruz; tentam separal-as para nos destruir? pois reorganizem-se em sua defeza as Ordens Terceiras, os soldados de Christo, os novos Machabeus, como lhe chamava Gregorio IX.

Seguiu-se o Snr.

Dr. Mendes Lages, medico e fervoroso catholico de Lisboa, e um dos que mais têm concorrido para a solução da questão operaria em Portugal. Defendeu a these: *A questão do operariado e a doutrina da Igreja.*

Disse que não pelo socialismo, mas pelo catholicismo se salvará o mundo catholico moderno.

Os socialistas desnorream as multidões com um paraizo chimerico, que nunca poderá, porisso mesmo que limitado, satisfazer as aspirações do infinito, tão proprias do homem. Seriamos os seres mais infelizes se fossem verdadeiras as utopias socialistas, porque os outros seres obtêm sobre a terra o seu fim, e nós não. A questão social é mais uma questão religiosa do que economica.

Admittida pois a necessidade da vida futura, a questão social deve resolver-se recorrendo ás ideias de Deus, da alma, da justiça e da caridade; e, por conseguinte, só o christianismo a pode resolver.

Associe-se, pois, os catholicos, concentrem-se as forças de que podem dispor, admittam-se as ordens religiosas, propaguem-se as Ordens Terceiras, e d'est'arte chegaremos á solução desejada.

Terminou levantando vivas a Portugal, a Jesus Christo e a Leão XIII, sendo unanimemente correspondido.

Em seguida leram-se as seguintes conclusões approvadas pelo Congresso:

Do Snr. Arcebispo de Evora: — O Congresso faz ardentemente votos pela união dos catholicos, como condição necessaria para se tornar efectiva no futuro a influencia benéfica e civilisadora da Igreja na sociedade.

Do Snr. Arcebispo-Bispo do Algarve: — O Congresso affirma e reconhece que se torna necessaria a liberdade de associação para a Igreja Catholica em Portugal, e vota a urgencia da admissão das congregações religiosas d'um e d'outro sexo, especialmente nas nossas possessões ultramarinas.

Do Snr. Conselheiro Barros Gomes: — 1.^a Fazendo a doutrina christã parte das disciplinas que entre nós constituem o ensino primario, muito convem alcançar dos poderes publicos que esse ensino seja regulamentado por forma que n'elle tenham directa intervenção, quer ministrando-o, quer fiscalizando-o, ou os parochos das freguezias, ou, para as grandes agglomerações urbanas, ecclesiasticos, nomeados pelo governo sob proposta dos prelados respectivos. 2.^a E' da maxima conveniencia o diligenciar-se que nos collegios de instrucção secundaria, dirigidos por ecclesiasticos

ou por qualquer outra forma influidos pelo pensamento catholico, se estabeleça ou desenvolva quanto possivel o ensino da religião, comprehendendo o dogma, a moral, e o culto, principios de apologetica e noções fundamentaes de historia ecclesiastica e de lithurgia, segundo os programmas e logo que possivel seja pelos compendios, para isso organizados, sob a superior direcção do episcopado. 3.^a Convém empenhar esforços para convencer a opinião e os poderes do estado da necessidade de incluir o ensino da religião em todos os institutos officiaes de instrucção secundaria.

Do Snr. Dr. Mendes Lages: — 1.^a O materialismo faz dos homens seres insensíveis e selvagens; ataca as leis da natureza, tende a arruinar o mundo moral, frustrando os planos divinos. 2.^a O remedio para os actuaes males sociaes está na volta da sociedade á religião, empregando para isso o desenvolvimento das ordens religiosas, a acção dos governos e as associações catholicas.

Do R. P. Fr. João da Santissima Trindade: — 1.^a Que nas escolas, maximamente nas primarias, se ensinem os deveres do homem para com Deus, que a moral independente pretende negar. 2.^a Que nas escolas superiores se aperfeiçoe o estudo da metaphysica, mãe de todas as sciencias; porque é da ignorancia da metaphysica que provem a maior parte dos erros philosophicos de ha tres seculos para cá; e, ao mesmo tempo, a metaphysica é o melhor arsenal contra as theorias deleterias que têm arruinado a sociedade moral e o mundo economico.

Do Snr. Dr. Agostinho de Azevedo: — O Congresso faz votos para que o povo de Italia, inspirando-se no bem da causa, não só religiosa mas ainda politica, restitua ao Santo Padre a condição normal da independencia territorial, a qual é exigida pela sublime grandeza de seu ministerio de supremo chefe da Igreja Catholica, e como tal reclamada pelo voto unanime de toda a christandade.

Do Snr. Dr. Luiz José Dias: — 1.^a A resolução que as sciencias theologicas dão á origem da vida refuta e reduz a pó a philosophia materialista. — 2.^a As sciencias naturaes levando á conclusão irrefragavel de que Deus é o auctor da vida, repellem o suicidio e o assassinio como injuria e lesão grave aos direitos do mesmo Deus.

Do Snr. Conselheiro Jeronymo Pimentel: — O congresso emite o voto de que, sendo o socialismo uma enfermidade moral, o unico remedio efficaz ha-de ser necessariamente tambem moral; deve, pois, promover-se a diffusão dos principios religiosos e a practica das virtudes christãs, como meios quasi unicos de debellar aquelle grande mal.

Do Snr. Padre Senna Freitas: — O congresso emite o voto de que se deve inspirar o respeito e profunda veneração das Escripturas contra os que nem lhe conferem o caracter de livro authentico e historico; inspirar o gosto e o amor da leitura da sagrada Biblia, tão ignorada e posposta no nosso seculo pelos seculares e até por muitos ecclesiasticos; recordar as recommendações que Leão XIII faz a tal respeito na primeira parte da sua encyclica sobre as Sagradas Escripturas; recomendar, todavia, e indicar aquellas e só aquellas edições biblicas que se acham approvadas pela Santa Sé, ou ao menos pela auctoridade episcopal, e acompanhadas dos competentes e authenticos commentarios, que explicam o sentido biblico por vezes ambiguo ou escuro.

Do Snr. Dr. Manoel Anaquim: — O congresso catholico internacional de Lisboa, reconhecendo com os melhores hypnologos a inconsciencia e automatismo de muitos individuos hypnotizados e registando a immunidadade de abusos e crimes a que tem dado e pode dar logar a practica do hypnotismo, proclama a irresponsabilidade em muitos casos, do hypnotizado, e chama para todos elles a attenção dos codigos penaes, se a este respeito não tiverem já disposições espeziaes.

Do Snr. Dr. Pinto Coelho: — 1.^a E' especialmente opportuna em Portugal a diffusão e desenvolvimento das Ordens Terceiras, como meio de combater pela religião de Christo contra a impiedade. — 2.^a Deve promover-se a reunião em Lisboa de um congresso de representantes de todas as Ordens Terceiras portuguezas a fim:

1.^o De se fazer uma revista geral das forças de que dispõem.

2.^o De se estudarem os meios da sua diffusão e rejuvenescimento.

3.^o De organizar essas forças no sentido de as fazer convergir para um renascimento catholico.

Do Snr. D. Thomaz de Vilhena: — Que se institua em todas as dioceses, sob a protecção do episcopado, e com o auxilio do clero, associações da obra pia, da mocidade catholica, associações protectoras de operarios, tendentes a affervorar o espirito religioso dos seus socios, propagar o sentimento religioso; e que estas associações, chegadas ao preciso grau de desenvolvimento, enviem ao parlamento delegados seus para defenderem os direitos da Igreja e pugnar pelos interesses da patria.

Lidas as conclusões, tomou a palavra o Snr.

Cardeal Patriarcha, que agradece a todos os cooperadores, em seu nome, em nome da sciencia e da fé, dos anjos e dos homens, da terra e do céo, concluindo o congresso, como começara: — Gloria a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!

Elogia os oradores que tão bem harmonisaram a sciencia com a fé, unindo-as para entoarem um hymno ao Creador. A fé em que se funda á Igreja illumina e dá forças á sciencia e ao progresso.

Agradece aos oradores estrangeiros, que não quer se chamem *estrangeiros*, porque todos somos irmãos, filhos da mesma Igreja; agradece aos seus irmãos no episcopado e a todos os congressistas.

Lançou a benção papal aos assistentes; ergueu um viva a Leão XIII, unanimemente correspondido, e encerrou o congresso.

PROCISSÃO

Esta manifestação religiosa, apesar do que tem dito certos jornaes, inimigos da causa catholica, foi imponentissima; conservando a sua imponencia e grandiosidade até depois dos tumultos que n'ella provocaram os anarchistas, ou quem quer que os provocou, como tivemos occasião de verificar d'uma janella da rua Augusta, donde a disfructamos, depois de a termos visto antes dos motins que se deram.

Para se persuadirem do que avançamos, leiam os nossos leitores o pessoal que, em boa ordem, a compunha, e se convencerão, ainda que não tenham sido testemunhas de vista, se é ou não justo o nosso juizo.

Pessoal incorporado na procissão

Abria o préstito um pelotão de cavallaria da guarda municipal. Seguia-se o anjo annunciador com estandarte branco, no qual se viam, as armas de Lisboa e uma cruz, vestindo trages brancos, capa vermelha e capacete, sendo acompanhado por mais seis anjos e por dois creados da casa real. Tomava depois lugar uma força de 144 alumnos da Casa Pia, competentemente equipados e armados, em 4 pelotões de 18 filas, indo á frente a banda. Seguia-se o asylo de S. Catharina composto de meninas vestidas de *crêpon* azul, chapéu de palha negro, com laços azues, levando á frente um pendão vermelho. Ia depois o asylo de S. Antonio, levando á frente um pendão de seda branca; as educandas d'este asylo, em numero de 18, iam vestidas de azul, com chapéu de palha e enfeites de *tulle* branco.

Seguia-se a Associação protectora das Meninas Pobres, com estandarte de seda branca bordada a oiro, levando 23 creanças vestidas de virgens; seguindo se depois 32 creanças da Escola Divina Providencia, com um pendão branco. As creanças vestiam factos cinzentos, collarinhos á *manã* e chapéos de palha negra. Iam depois 39 meninas da *kermesse* do campo de Sant'Anna, com factos cor de rosa e boinas brancas na cabeça. Depois seguiram-se os rapazes dos asylos de Nossa Senhora das Dores, de S. Salvador, da Annunciada e de S. Sebastião, todos da senhora marquezia de Rio Maior; os primeiros em numero de 23 levavam *blouses* de riscado, collarinhos brancos e *kepis* negros com um pendão rôxo; os segundos em numero de 21, com *blouses* tambem de riscado e *kepis* negros, levavam um pendão verde; os terceiros, em numero de 15 levavam pendão e factos identicos, bem como os ultimos em nu-

mero de 21. Seguiam-se 43 creanças da Escola Caridade, com *bibes* de riscado, e *bonnet* escossez, levando uma bandeira verde. Ia depois a banda do asylo Maria Pia; 129 rapazes de jaquetão cinzento, do mesmo asylo, acompanhados por quatro perfeitos e seguidos por 40 vell'os asyados.

Seguia-se a banda dos alumnos da Officina de S. José, e 62 alumnos, levando á frente um pendão vermelho. Viam-se depois 80 alumnos do collegio de Campolide, hasteando um pendão vermelho, uma bandeira vermelha e um pendão branco bordado a ouro. Seguia-se a Associação Protectora dos Operarios em numero de 52 individuos, e immediatamente depois as creanças das catecheses de cada freguezia, as meninas com trajés de primeira communhão, em numero superior a 500, e os meninos com capas brancas e vermelhas levando na frente dois pendões, um branco e outro vermelho. Tomavam depois logar na procissão creanças de varias freguezias, com os respectivos pendões de varias côres e diversos grupos de anjos. Seguiam-se 36 individuos da Associação Catolica, de casaca, com uma cruz de prata no peito; um socio da Sociedade de Geographia, e um padre de roxo, da congregação de S. Vicente de Paula. Marcelava depois a banda do caçadores 2 e 42 praças do corpo de veteranos, e a bandeira do regimento de infantaria 19 envolta em gase, conduzida por um sargento veterano, condecorado em varias campanhas.

Quatro cabos reformados levavam aos hombros sobre um andor de fina obra de talha, dourado, com as armas portuguezas, a imagem de Santo Antonio da villa de Cascaes. Seguia-se um pendão branco, semelhante ao primeiro com a imagem de Santo Antonio ao meio entre nuvens, e era conduzido por irmãos da Ordem de S. Francisco e ladeado por alumnos da Casa Pia, que faziam o mesmo serviço com todos os pendões e andores. Seguiam seis rapazes da catechese de Santa Engracia e Coração de Jesus e o primeiro pendão relativo aos milagres de Santo Antonio; era vermelho, bordado a ouro e conduzido por irmãos de S. Francisco. Acompanhavam no seis zeladores do Coração de Jesus; seguiam dois creados da casa real e tres anjos. Seguiam depois, de cruz alçada e ciriaes, as diversas irmandades. Iam incorporadas as seguintes: a irmandade da Senhora do Rosario do Conventinho, com treze anjos; a da Senhora da Gloria do Cardal com sete anjos; a da Nossa Senhora do Monserrate, com dois anjos e dois creados de librê; a de Santo Antonio do Valle, com deza-sete anjos e seis creados da casa real; a de Santo Antonio de Saude, com vinte e tres anjos, e dois creados da casa real. Passava depois outro pendão com o milagre dos peixes, amarello, bordado a azul e levado por irmãos de Santo Agostinho. Seguia-se o andor de Santo Antonio vestido de menino de côro, com batina vermelha bordada a ouro, sobrepelliz branca, cruz e resplendor de ouro sobre um andor dourado, levado por nove meninos de côro. Ia em seguida a irmandade do Santissimo, de S. Miguel, com tres anjos e dois creados; do Santissimo e de S. Christovão com cinco anjos; de Santa Engracia, com dois anjos, duas virgens e dois creados de librê; de Santa Maria de Belem; de Santos, com uma virgem e seis anjos; Santa Cruz do Castello, com diversos anjos e dois creados.

Passava novo pendão azul, bordado a prata com o milagre do rico-avarento. Era conduzido por irmãos de S. Francisco com seis anjos; a irmandade do Santissimo da Boa Hora em Ajuda, um creado, com cinco anjos; a de S. Lourenço, levando nove anjos; a de S. Vicente, com seis anjos; a da Sé, com um pendão da Santa Infancia, e cinco anjos; irmãos de Santo Agostinho, uma virgem e outro pendão com o milagre em que Santo Antonio livra seu pae da forca; era vermelho bordado a verde.

Seguia-se o andor de Santo Antonio, em habito de conego regnante, vestindo habito branco e murça negra.

Iam depois tres anjos e outro pendão vermelho com o milagre da mãe, a quem o Santo resuscitou seu filho, conduzido por irmãos de S. Francisco.

Ia depois a Ordem Terceira do Campo Grande com quatro anjos, um pendão vermelho, com o milagre do pé cortado. Depois a Ordem Terceira de Jesus, tres anjos e pendão lilaz, com o Santo a quem apparecia o Menino Jesus. Seguia a banda de infantaria 5, a Ordem Terceira do

Carmo, levando uma virgem e dois anjos; a Ordem Terceira de S. Francisco da cidade e quinze anjos e virgens.

Ia depois uma magnifica imagem de Santo Antonio com o habito de S. Francisco, seguido de vinte e quatro creanças, vestidas de anjos e virgens, duas pretinhas vestidas de selvagens, um coxo com uma muleta, outro de pagem, um com as armas de Portugal, chaves, tiaras, arcos, flechas, coroa, etc.

Seguia-se a philarmonica da Ribeira de Santarem com trajos phantasiados á marinha, e os seminaristas de Santarem em numero de 180, seguidos pelo corpo docente do Seminario.

Seguiam-se clerigos pobres, priores, conegos, desembargadores, e a banda de caçadores 5.

Marchavam os cantores da Sé, sachristães com a cruz e cirial, o cabido de pluvial, levando á frente á cruz patriarchal e sob o pallio o Em.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha, de mitra e dealmatica, levando nas mãos as reliquias de Santo Antonio, acolytado pelo Deão e Chantre, pegando ao pallio o cabido, levando aos lados os leques de pennas.

Seguiam-se os Snrs. Bispos que vieram a Lisboa ao Congresso Catholico.

Iam depois um official de cada arma do exercito, o Presidente da Camara de Lisboa, dando a direita ao Presidente da Camara do Porto, que eram seguidos pelos vereadores das camaras do paiz que estavam em Lisboa, empunhando os estandartes com as armas das cidades e villas, alguns de fino bordado a custoso tecido. O da cidade do Porto era levado por dois homens de vistoso fardamento negro, capa, calção e meia.

Ao Municipio de Lisboa seguiam-se os do Porto, Braga, Evora, Covilhã, Setubal, Alvaiazere, Ceia, Aldeagallega, Santarem, Elvas, Castello de Vide, Loulé, Villa do Bispo, Souzel, Monforte, Castello Branco, Villa da Feira, Montemor do Novo, Fundão, Obidos, Arrayolos, Celorico da Beira, Cintra, Oeiras, Cascaes, Vizeu, Villa Real de Santo Antonio, Cuba, etc.

Os vereadores trajavam casaca ou farda e facha.

Seguiam-se os Snrs. Conde d'Avila, Carlos Pessoa e Dr Fernando Pedroso representando a Commissão executiva.

Fechava o prestito o regimento de infantaria 16 com a respectiva banda.

Perturbações da procissão

Corria a procissão na melhor ordem, com a approvação de todo o povo de Lisboa e das provincias, que admirava respeitosamente o grandioso e imponente espectáculo que offerecia a procissão, quando, no principio da rua do Ouro, n'um abrir e fechar de olhos, se convulsionou parte da procissão, desordenando-se e perturbando-se. Esta desordem transmittiu-se ao povo que, á maneira de sardinha em canastra, enchia diametralmente todos os passeios, deitando todos a fugir, sem mesmo saberem porque. Alguem pessoal da procissão sahio não tornando a incorporar-se n'ella; o resto, porém, tornou a ordenar-se e a procissão proseguiu com ordem, ainda que se notava certa hesitação. A' esquina da R. do Ouro e do Carmo houve nova debandada e algumas prisões, correndo, porém, o resto com muito socego.

Causas das perturbações

Para que os nossos leitores conheçam a quem se deve attribuir toda a responsabilidade do que se deu, que foi nada, e dos gravissimos acontecimentos que podiam dar-se, não devem esquecer que a procissão era uma manifestação eminentemente catholica. Ora a maçonaria, por meio dos seus orgãos a *Batalha*, *Vanguarda*, *Folha do Povo*, *Independente* e quejandos, já ha tempo vinha indispondo os espiritos contra todas as manifestações projectadas, combatendo-as, sem que ninguem lles fosse á mão, se exceptuarmos os jornaes catholicos; nas suas reuniões se tomavam medidas contra as manifestações catholicas e d'ahi o congresso socialista, a comparsa que se fez ao tumulo da pobre Sarah de Mattos e muitas outras medidas que são do dominio publico. No mesmo dia da procissão espalha-

ram se manifestos anarchistas gratis e em grandissima quantidade; e espalhou-se pelo povo, *como nós mesmos ouvimos*, que duzentos anarchistas iam de proposito á procissão para provocar desordens, armados para o que desse e viesse.

Do que fica exposto, podem os nossos leitores concluir qual o estado de sobresalto em que se encontravam os espiritos na occasião do acto religioso, a que nos vimos referindo. Os que iam na procissão, não se haviam incorporado sem receio, e algumas corporações até se negaram a isso; o povo que presenciava, estava possuido dos mesmos receios. Além d'isso, entre o povo havia agitadores que malquistavam os membros da procissão, censurando e criticando tudo.

Com estes precedentes bastava um signal, um pequeno reboliço, qualquer cousa, por insignificante que fosse, para lançar o pânico em todos.

Foi o que aconteceu. Cahiu um pendão no principio da rua do Ouro, a isso correspondeu um grito de uma mulher entre o povo, eis a causa insignificante do primeiro barulho que causou tanto susto, e que nos foi contado por pessoa de sangue frio que tudo presenciou sem se mover. Atiraram, não se sabe donde, um maço de manifestos anticatholicos e contemporaneamente se deram vivas subversivos, sendo presos os manifestantes; eis a causa do segundo barulho.

Como os e'citores veem se a imprensa impia não tivesse indisposto os espiritos, gerando n'elles a desconfiança e o sobresalto, não haveria absolutamente nada. Esta é que é a verdade. E, se agora não temos a lamentar a mais horrorosa mortandade, ninguem nos chame crendeiro, se attribuirmos tudo a especial protecção de S. Antonio por uma manifestação que tanto era de honra e gloria de Deus e sua.

A procissão foi o unico acto religioso, cuja ordem foi perturbada, pela intrasigencia dos revolucionarios, que tendo sempre na bocca a palavra liberdade, só a querem para si, não sabendo nunca respeitar a liberdade dos outros. O que vale é que sempre assim foram, já não admira.

FESTAS CIVICAS

Asylo de S. Antonio. — Esmolas. — Kermesse. — Tourada

Inaugurou-se a 17 de junho, com assistencia de Suas Magestades, o Asylo de S. Antonio, pronunciando um discurso o Snr. Conselheiro Ferreira Lobo. Estava representando o ministerio, a imprensa e todo o pessoal, com as competentes philarmonicas, da Casa Pia e Officina de S. José. As asyldas cantaram deante de Suas Magestades o hymno de S. Antonio, e houve exposição dos seus trabalhos artisticos.

Foram distribuidos no mesmo dia esmolas e bodos a pobres, creanças e asylos pela commissão dos Caixeiros da Praça de D. Pedro, e pelas respectivas commissões das freguezias de S. Mamede e Encarnação. Houve kermesse na praça da Alegria. A tarde tourada no Campo Pequeno.

Perdões. — Kermesse. — Fogos d'artificio. — Drama. Os milagres de Santo Antonio

No dia 18 Sua Magestade em commemoração do 7.º centenario indultou todas as praças da armada, que estavam cumprindo penas disciplinares. Terminou a kermesse da Praça da Figueira; chegaram de Londres 206 volumes com fogos d'artificio; á noite houve, no theatro *D. Amelia*, representação do drama — *Os milagres de S. Antonio*.

Concurso de tiro. — Cortejo allegorico

No dia 19 houve concurso de tiro civil e militar a que assistiram Suas Magestades; chegaram de Antuerpia 35 volumes com os *costumes* para o cortejo allegorico; á noite representação do drama — *Os milagres de S. Antonio*.

Exposição. — Récita. — Illuminação

No dia 20 abriu-se a exposição antoniana na bibliotheca d'Evora; houve récita de gala no theatro *D. Amelia*, em commemoração do 7.º centenario, assistindo Suas Ma-

gestades; illuminação e fontes luminosas na Praça de D. Pedro.

Inauguração da Villa de S. Antonio. — Cruzador

No dia 21 inaugurou-se a Villa de S. Antonio á Junqueira; estavam presentes o ministerio, a commissão executiva dos festejos e Suas Magestades a quem o Snr. Conde Burnay dirigiu o discurso de inauguração, como fundador do instituto. O concurso era extraordinario. Houve n'esta festa inaugural concurso de philarmonicas; foi illuminado o palacio, asylo e jardins do fundador, Conde de Burnay, e Avenida da Junqueira, queimando-se fogo de artificio, que excedeu toda a expectativa. Chegou no mesmo dia a Lisboa o cruzador *Alfonso XII*, que veio representar a Hespanha nos festejos antonianos.

Exposição. — Festa das creanças

No dia 22 á 1 hora, houve a inauguração da exposição de Arte-Sacra, como noticiamos nas festas religiosas. A's 5 da tarde realisou-se no Terreiro do Paço, uma festa curiosa, a que assistiram Suas Magestades, e a que deram o nome de *festa das creanças*. A esta festa concorreram mais de 900 creanças de diversos asylos; queimou-se fogo chinês, a que as creanças achavam muita graça. Na barraca central Suas Magestades, as Rainhas, distribuiram ás creanças pacotes de bolos, fructas, leques, chapéus chinezes, medalhas prateadas e douradas, com a effigie de S. Antonio, e copos de vinho com assucar.

Bodos. — Illuminações. — Marcha aux flambeaux

No dia 23 foi distribuido pelos caixeiros da rua Nova do Carmo um bodo a 133 pobres; o Snr. Silva, proprietario do estabelecimento Aguia de Bronze, deu outro a 50 pobres em honra de S. Antonio; a commissão dos festejos da Rua Nova do Almada distribuiu outro a 106 pobres. A noite houve illuminação na Praça de D. Pedro, Avenida e em muitas outras praças, ruas e edificios da cidade. Sahiram em *marche aux flambeaux* a Real Associação Musical com muitos bombeiros municipaes; o *Club União Independencia*, e a *troupe Recreativa Lisbonense*.

Arraial. — Illuminações. — Bazar

No dia 24 houve arraial no Terreiro do Paço, illuminando juntamente com a Rua Augusta, o que produziu um effeito esplendido, posto que a illuminação da praça não tenha sido completa. Houve tambem bazar a que assistiram além de muitas damas, a Snr.^a D. Maria Pia.

A concurrencia foi enorme, sendo calculada em mais de 20:000 pessoas.

Arraial. — Fogo. — Bazar. — Cruzador

No dia 25 a noite, continuou o arraial no Terreiro do Paço illuminando completamente, e produzindo maravilhoso effeito; queimou-se algum fogo de artificio, continuando o bazar na barraca central a que assistiram Suas Magestades. Chegou o cruzador inglez *Australis*, que veio representar a Inglaterra nos festejos.

Cortejo allegorico; Kermesse; Yacht

No dia 26 effectuou-se o celebre cortejo civico allegorico. Esta manifestação em honra de S. Antonio ficou muito áquem do que se esperava.

A parte material, para assim dizer, era boa, optima até; mas o pessoal que se incorporou deixava muito a desejar. Não descemos a particularidades, porque nem o espaço o permite nem o caracter da nossa Revista. Levava a ordem seguinte: 1.º Piquete de cavalleria da guarda municipal; 2.º charanga de lanceiros; 3.º calvagada da Edade-media; 4.º carro da Religião; 5.º carro das Virtudes; 6.º banda de musica; 7.º carro da Arte; 8.º carro das Sciencias; 9.º carro da Esperança; 10.º grande calvagada em *costumes* da Edade-media; 11.º carro de Agricultura; 12.º carro de Pesca; 13.º carro de Commercio e Industria; 14.º charanga de marinheiros; 15.º carro de Marinha; 16.º carro das Colonias; 17.º charanga de artillaria; 18.º carro de combate da Edade media, acompanhado de um grupo de guerreiros da mesma epocha; 19.º carro de guerra do seculo XVIII, epocha

em que foram dados os graus militares a S. Antonio; 20.º carro de honra da Torre e Espada, com que a imagem de S. Antonio foi condecorada, ladeada por cavalleiros de todas as armas do exercito; 21.º grupo de cavalleiros e peões; 22.º clarins da cidade de Lisboa; 23.º carro da cidade de Lisboa; 24.º banda da guarda municipal; 25.º piquete de cavallaria.

Todos os carros eram ladeados por cavalleiros e peões, allusivos aos respectivos carros. Houve kermesse na praça de Camões, e á noute illuminações em diversas ruas e praças. Chegou no mesmo dia ao Tejo o yacht *Bebelle* do Marquez H. de Torey, que vinha concorrer á regata internacional.

Cortejo fluvial; Kermesse; Corveta

No dia 27 verificou-se no Tejo o cortejo fluvial. Foi uma das mais bellas e pittorescas manifestações que em honra de S. Antonio se fizeram em Lisboa.

No cortejo foi representado o episcopado, o corpo diplomatico, o ministerio, a grande commissão diversas camaras do reino, a imprensa etc. A procissão sahiu da Ermida do Valle com a imagem de S. Antonio, ás 4 horas da tarde; embarcou se a imagem do Santo em Santa Apollonia, pouco depois das cinco horas, no bergantim real, que era ladeado por duas galeotas, sendo o desembarque no Aterro pelas 6 horas, e recolhendo em outra procissão á igreja de S. Francisco de Paula, onde houve *Te Deum*. O cortejo fluvial levava a ordem seguinte: 1.º bergantim real; 2.º galeota real; 3.º galeota pequena; 4.º embarcações que conduziam auctoridades superiores, ecclesiasticas, militares e civis; 5.º navios de guerra; 6.º embarcações de remos e clubs navios; 7.º embarcações da alfandega; 8.º embarcações particulares de remos; 9.º embarcações da marinha mercantes; 10.º embarcações de remos de serviço do rio; 11.º embarcações de remos e pesca. O desfilar de todos estes navios, que eram mais de 400, indo de mistura os grandes vapores com centenas de barquinhos todos embandeirados, apresentava um quadro lindissimo; dando-lhe mais realce ainda as innumeraveis bandeiras que tremulavam nos muitos navios de guerra e marinha, então fundeados no Tejo. Houve kermesse na praça de Camões e chegou a Lisboa a corveta americana *St. Mary's*.

Cortejo nocturno

No dia 28 houve um outro cortejo nocturno, sahindo do Terreiro do Paço ás 10 horas da noite. Era uma especie de *marche aux flambeaux*; porém, não chegou a realizar se, como desejava a grande commissão, porque alguns ou melhor, muitos desordeiros o impediram. O que constituia o cortejo era um grande numero de carruagens illuminaadas com archotes ou ballões venezianos; mas os taes *arruaceiros* apagavam os balões, chegando até a saltar nas carruagens e arrancar os balões, sendo muitas das pessoas que iam dentro, objecto dos mais grosseiros insultos. Foram por isso presos mais de duzentos d'esses desordeiros.

Regata; Cortejo; Kermesses

No dia 29 houve de tarde a annunciada regata, a que assistiram Suas Magestades, o corpo diplomatico, ministros e grande commissão. A concorrência não foi muito numerosa; devido, talvez, á sessão suplementar do Congresso Catholico, que não se havia annunciado no programma. Estava tambem annunciado um cortejo allegorico nocturno, e *marche aux flambeaux*; nada d'isso se verificou do modo que se esperava, o que produziu não pequeno descontentamento nos forasteiros e no povo de Lisboa. Houve kermesse nas praças de Camões e da Alegria.

Illuminações; Fogos de artificio

No dia 30, ultimo dia dos festejos, houve illuminação em diversas praças e ruas, como nos dias antecedentes; illuminaram tambem grande parte dos navios e barcos surtos no Tejo, produzindo effeito lindissimo. Tambem foi queimado muito fogo, e lindissimo, desde as 10 até á meia noite, sendo parte nacional e parte estrangeiro. E assim se poz termo ás festas centenares que Lisboa celebrou em honra do nosso Thaumaturgo.

BRAGA

No dia 12 de jun' o á noute houve illuminação na Praça Municipal, lindamente decorada, tocando durante o arraial duas philarmonicas. Houve tambem illuminações em diversos pontos da cidade, tocando philarmonicas, além das duas da Praça Municipal, no Campo de Sant'Anna, em S. Antonio dos Esquecidos e na de R. de S. João. Foi uma noute de verdadeira alegria para a boa e catholica Braga.

No dia 13 houve festividade na Igreja dos Terceiros com distribuição do pão de S. Antonio a 700 pobres, pregando o P. Fr. João da Trindade. Tambem se festejou o nosso Santo na sua capella da Praça Municipal pregando o rev. padre Manoel de Sousa Guimarães; em S. Antonio da Sé, pregando o padre fr. Antonio de Santa Maria que fez tambem uma pratica do S. Thaumaturgo no collegio do Coração de Maria, ao Campo da Vinha, onde as alumnas d'aquelle bom collegio de educação organisaram uma festa de familia muito bonita.

No dia 14 principiou na Igreja dos Terceiros o triduo solemne em commemoração do 7.º centenario, havendo de manhã missa solemne com exposição do Santissimo e de tarde pelas 5 horas, sermão pelo padre fr. Antonio de Santa Maria que fallou do orgulho e da incredulidade, dous males dos nossos tempos a que disse era necessario occorrer com a profunda humildade e ardente fé de que nos deixou exemplo S. Antonio.

No dia 15 houve as mesmas solemnidades do dia antecedente pregando o mesmo Religioso de Montariol, que havia pregado já no dia precedente, e que escolheu para materia do seu discurso o indifferentismo e, como consequencia, a animosidade contra a Igreja; tomando d'aqui motivo para fazer uma apologia das Ordens Religiosas tão injustamente perseguidas em nossos tempos.

No dia 16 houve missa solemne a grande instrumental, sendo todo o serviço do altar feito pelos Religiosos de Montariol, e subindo ao pulpito o P. Superior d'aquella casa religiosa, o R. P. fr. José da Mãe de Deus, que fez o panegyrico do Santo Thaumaturgo.

As 5 horas tarde do mesmo dia sahiu uma lindissima procissão da Igreja dos Terceiros, uma das mais imponentes que se tem feito n'estes ultimos tempos. Abria o prestito um piquete de cavallaria, seguindo se-lhe os bombeiros voluntarios e municipaes; banda da officina de S. José; escolas parochiaes, collegios e seminarios; Orphãos de S. Caetano e Irmandades; um bello carro triumphal allegorico, com bellas figuras que desempenhavam perfectamente o seu papel; grande numero de meninos vestidos de anjos ou a representar S. Antonio como menino do côro e como religioso de S. Agostinho e de S. Francisco, e alguns dos seus milagres, apresentando uma das notas mais engraçadas da procissão; dous côros, um de meninos, a representar uma communitade de religiosos franciscanos, e outro de virgens, cada um dos quaes era acompanhado por sua philarmonica que tocava os hymnos que se entoavam em honra de S. Antonio. Seguia-se o andor do Santo, as irmandades da SS. Trindade, de S. Francisco, associações do Monte Pio, operarios das fabricas; a reliquia debaixo do pallio conduzida pelo P. Superior de Montariol; auctoridades civis e militares, camara municipal, e, fechando o prestito, uma guarda d'honra de infantaria 8.

A noute houve academia no Seminario pequeno d'esta cidade, presidindo S. Ex.ª o Snr. Arcebispo Primaz.

GUIMARÃES

N'esta cidade cumpriu se fielmente o programma projectado, concorrendo para isso todos os bons habitantes que tão devotos são do nosso Thaumaturgo.

No dia 9, ao romper da aurora, varias philarmonicas percorreram as principaes ruas da cidade, repetindo se os mesmos signaes de regosijo nos dias 10, 11, 12 e 13, havendo á noute variado e bonito fogo de artificio.

No dia 10 houve o triduo solemne a grande instrumen-

tal, prégando o bem conhecido orador, R. P. Fr. Manoel das Chagas, e verificou se a projectada procissão, que foi imponente, levando a ordem seguinte: Alumnos das escolas da O. T. de S. Francisco; meninos da Catechese; alumnos do Coração de Jesus e da Escola Academica; Collegios da SS. Trindade e S. Damazo; estudantes externos do Seminario; meninas da Catechese; alumnas das escolas da O. T. de S. Francisco, da Conceição e de S. Estephania; figuras allegoricas da religião e patria. Seguiu se a confraria do Coração de Jesus; côro de religiosos franciscanos; irmandades da Igreja de S. Francisco; varios anjos com figuras allusivas á vida do Santo; 4 levitas conduzindo a Arca do Testamento; irmandades da Consolação e Santos Passos; diversos anjos com figuras allegoricas á vida do Santo; virtudes theologaes; Confrarias do Santissimo, S. Sebastião, S. Paio e Senhora da Oliveira; virtudes cardeacs; anjos com figuras alludindo aos milagres do Santo; meninos do côro; O. T. do Carmo; anjos diversos com figuras allegoricas; O. T. de S. Domingos e S. Francisco; um grupo allusivo aos conselhos de Christo; diversos anjos com figuras allegoricas e um côro de virgens.

Seguiu se o andor com a imagem de S. Antonio, levado por irmãos de S. Francisco, conduzindo as lanternas quatro dominicanos e quatro franciscanos. Seguiu se depois o Seminario e mais clero, com alguns santos e santas da Ordem franciscana, como S. Margarida de Cortona, S. Rosa de Viterbo, S. Izabel, Rainha de Portugal, S. Clara d'Assis, S. Ivo, S. Luiz, Rei de França, os cinco Martyres de Marrocos, S. Francisco d'Assis e S. Antonio vestido de menino de côro.

Seguiu se o Pallio, sob o qual ia a Reliquia do Santo Lenho, conduzida pelo Ex.^{mo} Sr. Vice-Reitor do Seminario; Ministro da Ordem Terceira de S. Francisco e todas as autoridades civis, militares e os representantes da imprensa e corporações civicas de Guimarães, fechando o prestito a força de infantaria 20 com a correspondente banda.

No dia 11 e 12 houve tambem triduo solemne como no dia antecedente, prégando o mesmo orador P. Fr. Manoel das Cinco Chagas. No dia 12 á noute houve illuminação em muitos sitios da cidade e uma academia religiosa em honra de S. Antonio, no pequeno Seminario da cidade.

No dia 13 houve ás 6 da manhã missa rezada e communhão geral; ás 10 missa solemne a grande instrumental, subindo ao pulpito, onde fez o panegyrico do Santo, o P. Fr. Manoel das Chagas, e no fim Benção-papal. Ás 5 da tarde procissão de Corpus Christi, e ás 8 solemne *Te-Deum* e benção do Santissimo.

VILLA NOVA DE FAMILICÃO

Esta villa concorreu tambem para abrilhantar o 7.^o centenario, com festas extraordinarias em honra de S. Antonio, havendo no dia 12, ao romper da aurora, silvas e tocando pelas ruas duas bandas; á noute arraial, illuminando as ruas e queimando fogo de artificio em muita quantidade e tocando duas philarmonicas.

No dia 13, como no dia antecedente, houve salvas reaes e musica; ás 11 missa solemne a grande instrumental; subindo ao pulpito o rev.^{mo} snr. padre Borges, de Athey. Ás 5 horas da tarde houve concurso de velocipedistas, e ás 8 da noute illuminação geral e certamen musical.

Em muitas outras cidades, villas e aldeias do reino houve festejos extraordinarios em honra de S. Antonio, que não registamos não só porque o espaço nol-o não permite, mas tambem porque se não salientaram tanto como Lisboa, Braga, Guimarães e Villa Nova de Famalicão.

Pedimos desculpa ás diversas commissões, por termos sido concisos na nessa chronica, mas os limites da Revista não permittem mais, nem talvez tanto.

Parece-nos que com esta declaração ficaremos plenamente absolvidos.



Secção Scientifico-litteraria

O TRANSFORMISMO EM FACE DO DOGMA ¹

(Continuação)

O P. Dierkx no exame que fez acerca das diversas theorias que teem por fim explicar a origem do homem na hypothese transformista, nota que todas ellas teem o defeito de não poder dar a razão da criação da mulher. Mas não faz menção de uma theorica que Quatrefages analysa e refuta. E' a de Naudin.

Eil-a, pois, em resumo:

Deus creou uma radícula (blastème) primordial dotada d'uma enorme força evolutiva ou organoplastica.

D'esta radícula saíram os proto-organismos. D'estes, á maneira de renovos, derivaram-se outros seres muito semelhantes á sua origem, mas de uma estrutura mais completa e formas mais accentuadas.

A função d'estes *meso-organismos* foi servir de intermedios entre a radícula primitiva e as formas definitivas do mundo organico chegado ao seu inteiro desenvolvimento. Dispersos sobre as diversas regiões do globo, levaram consigo o germen das formas futuras que a evolução devia tirar d'elles. Continuando a obrar a força evolutiva, a multiplicação e a diversificação das formas cresciam constantemente. Estes grupos iam-se caracterizando successivamente, graças ao trabalho progressivo de differenciação, mas, pelo effeito d'estas transformações lentas e successivas, a força evolutiva esgotou-se e tornou-se conservadora. Foi n'este momento que as formas se integraram, que se constituíram os sexos e que appareceram as especies, conservando apenas alguns vestigios de plasticidade que lhes permite algumas variações, mas incapazes de destruir o typo primitivo.

No mundo actual as larvas e as crysalidas dos insectos são, de alguma sorte, a imagem d'esta formação hypothetica dos seres organisados. O ovo da borboleta encerra, em potencia, a lagarta, e a crysalida que mais tarde se constituirão e hão de apparecer cada qual no seu tempo.

Mas, como concorda Naudin o seu systema com a Biblia?

Naudin vê no barro de que falla Moysés, a sua radícula primitiva.

Na origem commum dos reptis e das aves saídas igualmente das aguas, acha a prova do que o propheta havia indicado, isto é, das relações que existem entre estas duas classes.

E' de opinião que o trabalho creador foi dividido em *dias* que podem ter sido periodos de uma duração qualquer, mas essencialmente separados por intervallos de descanso.

A criação de Adão e Eva não envolve difficuldades perante esta hypothese.

¹ Veja-se o numero de maio.

Como todos os seres organicos, Adão procede da *radícula primitiva*, do *protoplasma universal*; esteve em potencia no *meso-organismo* donde se derivam todos os mamiferos. Separou-se, porém, isoladamente. Quando a forma humana começou a accentuar-se, ainda não havia sexo. Era apenas uma larva humana. E' d'esta humanidade que a força evolutiva vae fazer sahir por uma nova seleção o complemento da especie. Mas, para que este grande phenomeno se realice, é necessario que Adão passe por uma phase de immobilidade inconsciente, analoga ao estado da *nympha* nos animaes de metamorphose. E' n'este periodo que se aperfeioa o trabalho do complemento da especie.

Sob o ponto de vista scientifico a theoria de Naudin é vulneravel em muitos pontos. Quatrefages refutou-a admiravelmente; mas não nos permite a brevidade a que somos obrigado de expor aqui os seus argumentos.

Todas as theorias que temos examinado são muito novas.

Todos os Padres da Egreja comprehenderam o 2.º capitulo do Genesis no sentido litteral. Mas note-se que então não se ventilava a questão do transformismo, e porisso os Santos Padres e Doutores contentavam-se com uma exposição conforme ao adeantamento das sciencias naturaes contemporaneas. Por isso, diz o P. Dierkx: somos de opinião que a tradicção não pode resolver a questão.

Se certos factos favoraveis á opinião evolucionista são verdadeiros, achar-se-ha a sua explicação. Não pode haver conflicto verdadeiro entre a fé e a razão.

Mas, fujamos das negações *à priori*.

No terreno dos factos, nota o conhecido escriptor catholico Jean d'Estienne, estamos sempre expostos a experimentar singulares desenganos. Antes de Copernico era axioma na sciencia de então que a terra era immovel no centro do universo; e o grande genio dos tempos modernos, Napoleão I, chamava ideologos aos que acreditavam na possibilidade da navegação a vapor.

Ao terminar este nosso pequeno estudo podemos concluir com o P. Dierkx:

Esperando mais solidas razões é, sem duvida, mais prudente seguirmos o sentido litteral do Genesis, emquanto á criação de Adão e Eva. Todavia, graves theologos, amantes da verdade, não seguem este caminho sem que por isso a Egreja os censure. Com que direito seriam elles expulsos do campo das hypotheses e da discussão livre? A falsidade dos systemas que seguem não está peremptoriamente demonstrada; e, por isso, o futuro pode ser em seu favor, muito embora o presente o não seja.

Emquanto nos não vem mais luz, unamo-nos contra o inimigo commum e combatamos sem treguas os que, sob o pretexto de progresso, recusam as suas homenagens ao creador do mundo e auctor da vida, para ir queimar incenso deante da personificação vergonhosa de todas as desordens, o idolo monstruoso do materialismo.

MENDICIDADE

- Não vá tão depressa,
Que eu fico sosinho;
Vá mais de mansinho,
Que a gente tropeça
Por este caminho.
- Mas filho, anoitece
E lua não temos;
Já quasi não vemos,
Depois, se escurece,
Aqui ficaremos.
- Eu quero, e não posso,
Que eu não comi nada;
A mãe, de apressada,
Inda antes de almoço
Metteu se á jornada.
- Mas filho, desterra
Já essa lembrança;
Que a gente se alcança
O alto da serra,
Descer já não cança.
- Chegar á altura
Talvez não consiga,
Que a fome me obriga;
Mas sinto tontura
De tanta fadiga.
- Ficar n'um deserto
E' um desatino.
Tu tão pequenino,
E nós já tão perto
Do nosso destino!...
- Ah mãe, que tristeza
Não ter uma choça!
Que a gente não possa,
Não falo em riqueza,
Mas ter casa nossa!...
- Em baixo na aldeia,
Em casa do cura,
Se um pobre o procura
Tem cama, e tem ceia
Até com fartura.
- Tal cura é um santo,
Uma alma bem nobre,
Se assim trata o pobre;
Que Deus lhe dê tanto,
Que sempre lhe sobre.
- Sim, dizem que ás portas
Do santo velhinho,
Costuma um anjinho
Vir lá, horas mortas,
Pôr pão, carne e vinho.
- E que elle reparte
Depois pela gente?
Já vou mais contente;
Talvez me inda farte
E durma bem quente!

Hymno a Santo Antonio

MUSICA POR FR. BOAVENTURA

(All.^o Maestoso)

Acompanhamento para piano

INTRODUÇÃO

Musical notation for the introduction, consisting of two staves (treble and bass clef) in common time. The music begins with a forte (*ff*) dynamic marking. The melody is simple and rhythmic, with the piano accompaniment providing a steady harmonic foundation.

Musical notation for the first line of the hymn. It includes a vocal line and piano accompaniment. The lyrics are: "A hu - ma - ni - da - - de in - -".

Musical notation for the second line of the hymn. It includes a vocal line and piano accompaniment. The lyrics are: "tei - ra tem ho - jeum só co - ra - - ção, su - a vóz, har - pa ver - da -".

Musical notation for the third line of the hymn. It includes a vocal line and piano accompaniment. The lyrics are: "dei - ra, só diz a - mor, gra - ti - - dão su - a vóz har - pa ver - da -".

Musical notation for the fourth line of the hymn. It includes a vocal line and piano accompaniment. The lyrics are: "dei - - ra só - - - diz a - mor gra - ti - - dão. Sal - ve,".

Pae do po - - bre - - si - - nho, do - ce al - - li - - vio n'af - - - - - fi - -

ção: on - de ha ce - gueira, és ca - mi - nho; on - de ha ve - - lhi - ce, bor -

dão; onde ha ce - - guei - ra, és ca - - - - mi - nho; on - de ha

ve - lhi - ce, bor - dão. D.C. dão.

1ª. vez Para acabar

Asylo, Antonio, é teu nome
A toda a miseria e dôr:
Ao pobre, que sente fome
E ao triste peccador!

Salve, etc.

Tu já passeaste a terra,
Meigo sancto, anjo do Céu!
Oh! fizeste ao vicio guerra
Sendo a todos luz sem véu.

Salve, etc.

E ora és lampada brilhante,
Candelabro ante o Senhor.
E's nosso labaro ovante,
E's astro esparzindo amor!

Salve, etc.

Agora com doce laço,
Fazes na terra a *União!*
E dos corações em espaço,
Fazes um só coração!

Salve, etc.

Fr. Bern.



Varia

BIBLIOGRAPHIA

Os Mystérios da Franc-Maçonaria. — Revelados por Léo Taxil versão do Padre Francisco de Portocarreiro e Antonio Corrêa de Menezes, dedicada pelo auctor a Sua Magestade a Rainha D. Amelia. Desenhos de Méjanel e gravuras de Pannemaker.

Porto, Antonio Dourado, Editor. Rua dos Martyres da Liberdade. — 2 grandes e bellos volumes com muitas gravuras. — Preço 4\$000 reis.

Esta obra de fama mundial é honrada com um breve de Sua Santidade o Papa Leão XIII, pelo qual concede a benção apostolica ao auctor, a suas obras, leitores e collaboradores.

Hoje que a Maçonaria já não teme occultar os seus planos infernaes é que desafortadamente se manifesta á luz do dia deixando de habitar nas trevas e de viver a portas cerradas, como fazia até agora, torna-se summamente necessario conhecer os manejos d'esta seita maldita a quem devemos attribuir grande parte das maiores calamidades politicas e religiosas que teem açolado o mundo nos ultimos tempos. Que se não deixem illudir os ingenuos que são convidados a entrar n'esta seita excomungada sob o pretexto de se agregarem a uma simples sociedade de beneficencia.

Se querem saber o que é essa sociedade leião a obra que annunciamos, e acharão como ella é a peste da sociedade, a protectora de todos os vicios e a fatora de todas as desordens.

A obra que o Snr. Dourado editou, e que já é bem conhecida e estimada entre nós é digna de todo o elogio e merece ser lida e estimada por todos os que desejam conservar as boas crenças e desenganar os incantos.

Um excellento livro

Acaba de apparecer á luz a nova edição do precioso livro *Motivos da Minha fé Religiosa*, de que é auctor o sabio conego. E. Barthe, publicado pela livraria Mesquita Pimentel, do Porto.

Do alto merecimento e incontestavel importancia da obra, na epocha presente, fallam, melhor do que poderiamos fazê-lo, os principaes capitulos, cujas epigraphes damos em seguida, e onde os respectivos assumptos são magistralmente tratados.

Este livro mereceu os mais lisonjeiros encomios das mais doudas summidades scientificas de França. A traducção, confiada a um distincto homem de letras, é veinacula, e a edição primorosa.

PRIMEIRA PARTE. — *Veda-me a razão que eu adhira a algum dos systemas anti-catholicos?* — I, Atheismo; II, Pantheismo; III, Materialismo; IV, Darwinismo; V, Positivismo; VI, Fatalismo; VII, Scepticismo religioso; VIII, Livre pensamento ou liberalismo em materia de religião; IX Moral independente; X, Deismo; XI, Indifferentismo em materia de religião; XII, Protestantismo; Appendice; Conclusão recopilativa da primeira parte.

SEGUNDA PARTE. — *Permittir-me-ha a razão que eu adhira a doutrina catholica?* — I, Considerações geraes sobre os dogmas do catholicismo; II, Trindade; III, Encarnação; IV, Redempção; V, Eucharistia; VI, Inferno; VII, Ordem sobrenatural; VIII, Peccado original; IX, Necessidade do baptismo para a salvação; X, Predestinação; XI, Resurreição dos corpos; XII, Pro-

gresso e identidade da doutrina catholica; XIII, Infallibilidade doutrinal do catholicismo; XIV, Dependencia da razão com referencia á fé; XV, Fóra da Igreja não ha Salvação; XVI, Objecções; Conclusão da segunda parte.

TERCEIRA PARTE. — *Obrigar-me-ha a razão a ser catholico?* — I, Prova indirecta da divindade do catholicismo pelo conjuncto dos caracteres exclusivos que o distinguem e denotam uma origem divina; II, Prova indirecta da divindade do catholicismo pelo conjuncto dos caracteres exclusivos que o distinguem e denotam uma origem divina (sequencia); Conclusão recapitulativa dos dois capitulos precedentes; III, Provas directas da divindade do catholicismo. Milagres de ordem intellectual; IV, Provas directas (sequencia); V, Provas directas (sequencia); Epilogo

O seu preço em brochura, é de 700 reis; com elegante encadernação, 1\$000 reis. Pelo correio, mais 50 reis.

Deposito geral em Portugal das differentes publicações liturgicas, taes como de *Missaes, Breviarios Diurnos, Rituaes*, etc. Sortido completo d'obras religiosas em portuguez, francez, latim, hespanhol e italiano; sacras, estampas, objectos de piedade, etc. etc.

Esta casa encarrega-se tambem de fornecer paramentos e alfaias para igreja, etc., etc.

Ao clero, collecção completa de todas as rezas para Breviario, apparecidas até hoje e reunidas n'um volume, impressas a duas côres em magnifico papel. 1 vol. 1\$000 reis, encadernado 1\$240 reis. Este livro é indispensavel aos snrs. sacerdotes que não posuam as ultimas edições do Breviario.

No prelo: *Homalias para todos os domingos e festas do anno*, pelo R. P. Schouppe, da Companhia de Jesus. 2 volumes, 1\$600 reis. Depois da obra apparecer a luz o preço será augmentado.

A Providencia. — Associações de socorro mutuo, cooperativas, caixas de pensões e reformas, caixas economicas, por Costa Goodelphim, socio da Academia Real das Sciencias, da sociedade de Geographia de Lisboa, vice-presidente honorario da sociedade das instituições de previdencia de França etc., etc., etc. com um prefacio por Armelino Junior. Lisboa, Imprensa Nacional 1889.

Este livro, mui doutamente escripto pelo Snr. Goodelphim, encerra preciosas noticias, documents e instruções sobre qualquer assumpto de associações sociaes. Desenvolve com aptidão admiravel a natureza, fim e utilidade das sociedades cooperativas, das associações de socorros mutuos, das caixas economicas, inhabilidade e pensões. Descreve a historia de varias instituições d'este genero que existem no nosso paiz, e de muitas que já existiram.

E' um livro digno não só de ser lido mas de ser estudado. No tempo presente em que tanto custa a luta pela vida tornam-se indispensaveis as instituições economicas; e é no livro do Snr. Goodelphim que se pode estudar o que ellas valem. E' um livro d'aquelles que foram escriptos para fazer bem e que ha de attrahir sobre o seu auctor as benções da sociedade beneficiada e grata.

Do mesmo illustre e sabio auctor recebemos mais as seguintes obras que de bom grado annunciamos e recommendamos:

— *O Credito Agricola.* — Lisboa 1893.

— *Les Institutions de Prévoyance em Portugal.* — Lisbonne 1883.

— *Companhia Lisbonense de Illuminação a Gaz* — Lisboa 1892.

— *As Caixas Economicas Escolares.* — Lisboa 1884.

— *Le Crédit Populaire*, premiado com a cruz de merito agricolo pelo governo francez. — Lisboa 1892.

— *Questões Sociaes* — O capital — O trabalho — A miseria. — Porto 1894.

— *A Independencia da Igreja e a Imprensa Anti-Catholica*. — Discursos pronunciados na solemne academia no Paço Archiepiscopal de Braga a 19 de março de 1895, pelos Ex.^{mo} Snrs. Dr. João Affonso da Cunha Guimarães, Secretario de S. Ex.^a Rev.^{ma}, e Antonio Dias da Costa, professor de ensino livre. — Famaciação, 1895.

— *Guimarães e S. Antonio*, pelo R.^{mo} Snr. abbede de Tagilde.

Apresenta curiosas noticias sobre conventos, capellas, altares, confrarias, vinculos de familia etc. que dizem respeito a S. Antonio existentes em Guimarães e suas proximidades. E' editado pelos Snrs. Freitas & C.^a, Guimarães.

— *Tratado da Verdadeira Devoção á Santa Virgem*, por Luiz Maria Grignon de Montfort. Missionario apostolico fundador da Congregação Marianna de Saint-Laurent sur Sèvre, versão portugueza da 6.^a edição, de Francisco do Valle Coelho Cabral, com approvação do Ex.^{mo} e E.^{mo} Snr. D. Americo, Cardeal Bispo do Porto. — Preço, 200 reis, pelo correio 210.

A' venda na livraria Catholica Portuense, rua do Almada, 366; em todas as livrarias e no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 165.

Recommendamos a leitura d'este livro a todas as pessoas que desejam saber porque e como devem amar a Maria Santissima.

As ordens religiosas nas missões

A necessidade das ordens religiosas é uma questão mais que demonstrada; é evidente. Por isso mui avisadamente o Congresso Internacional de Lisboa formulou o voto de se pedir aos poderes publicos a sua readmissão.

Apraz-nos porém comprovar mais uma vez com a linguagem eloquente dos factos a utilidade de taes instituições mormente para as colonias. E' do valente jornal catholico *La Croix* que derivamos a seguinte estatística dos trabalhos apostolicos e civilisadores dos missionarios franciscanos na missão de Terra Santa.

A Custodia de Terra Santa estende o seu zelo pelos paizes seguintes:

Judea, Galilea, Syria, Anatolia, Baixo Egypto e ilha do Chypre, e possui uma residencia em Constantinopola. O seu pessoal é de 434 religiosos missionarios, distribuidos por 9 conventos, 42 residencias um collegio seraphico, um noviciado e 9 casas de estudo. Além d'isso têm abertas 5 pharmacias, 10 officinas e 1 typographia. Mantem o culto divino em 55 sanctuarios. Curão 28 parochias e 18 egrejas succursaes, que são frequentadas por 63:000 fieis, aos quaes distribuem o pão da palavra divina em 11 linguas diversas.

Dirige 52 escólas parochias, 1 collegio de instrucção secundaria e 2 orphanotrophios.

Alimenta com esmolas 34 capellas. Possui 9 casas de hospitalidade para os peregrinos e 415 para domicilio de familias pobres.

Durante os últimos 6 annos celebrou, *gratis*, 1550 missas pelo Romano Pontifice; 11:475 pelos principes christãos; 104:223 pelos bemfeitores que concorrem com suas esmolas para a Terra Santa; 50:418 pelos missionarios defunctos.

Administrou 10:810 baptismos; houve 607 abjurações ou conversões.

Abençoou 2:206 casamentos e alojou 46:392 peregrinos de todas as nações.

As suas escólas são frequentadas por 3:500 creanças e educação 300 orphãos. Sustentão por anno cerca de 3:000 familias pobres que prefazem um pessoal approximado de 12:000 individuos!

Para custear todas estas despezas enormes a Custodia Missicaria de Terra Santa recebe as esmolas que os Commissarios de Terra Santa recolhem em todo o mundo.

Em Portugal os Snrs. Bispos encarregam-se bondosamente de receber estas esmolas que depois enviam ao respectivo commissario. O nome de Portugal é muito querido na Terra Santa pelas ofertas importantes que os nossos monarchias piedosos e as familias nobres e abastadas enviavam antigamente para aquellas missões e para o esplendor do culto nos sanctuarios edificados sobre os logares onde se operou a nossa redempção, que tudo está a cargo dos missionarios franciscanos.

Conversão. — A baroneza Frida de Rantzan, irmã do barão de Rantzan genro do principe de Bismark, converteu-se ao catholicismo.

Foi no Collegio Germanico, em Roma, que teve logar a abjuração, sendo a neophyta recebida depois pelo Papa.

Conversão de Inglaterra. — A Encyclia do S. Padre aos inglezes vac collhendo cada dia mais abundantes e gloriosos fructos. Lord Halifax, que foi recebido em audiencia pelo S. Pontifice, na ultima assembleia da *União da Igreja Ingleza* pronunciou uma allocução cujas ultimas palavras foram as seguintes:

«Se os inglezes scubessem o grande homem que é o Papa, o que mais pediriam a Deus seria a prolongação da vida de tão illustre Pontifice.»

Em seguida o conego anglicano Carter enviou á mesa uma moção que foi approvada por todos, menos um, na qual reconhece a necessidade de uma oração commum para obter a unidade que Jesus recommendou na vespera da Sua Paixão entre os que crêem no seu nome.

Lista dos Senhores assignantes que satisfizeram a importancia das suas assignaturas até ao presente julho

42—	95—	173—	380—	528—	857—	992—	1226—	1342—	1567—	1649—	1937—	2003—	2166—	2328—	2477—
44—	112—	174—	390—	549—	858—	994—	1231—	1359—	1568—	1763—	1938—	2008—	2185—	2329—	2518—
45—	118—	203—	393—	645—	877—	995—	1234—	1374—	1569—	1766—	1939—	2010—	2195—	2330—	2536—
47—	121—	204—	395—	647—	881—	996—	1258—	1389—	1570—	1771—	1944—	2027—	2203—	2333—	2537—
48—	126—	223—	396—	658—	882—	1063—	1288—	1390—	1571—	1773—	1951—	2047—	2239—	2335—	2538—
50—	156—	245—	397—	704—	907—	1089—	1290—	1391—	1573—	1780—	1952—	2049—	2254—	2341—	2539—
51—	166—	247—	398—	705—	928—	1160—	1301—	1392—	1574—	1781—	1953—	2050—	2263—	2372—	2545—
54—	167—	258—	399—	710—	955—	1172—	1314—	1413—	1575—	1844—	1954—	2063—	2276—	2389—	2550—
57—	168—	278—	400—	722—	987—	1176—	1315—	1414—	1580—	1884—	1955—	2065—	2294—	2394—	2552—
58—	169—	358—	401—	755—	988—	1205—	1316—	1415—	1582—	1887—	1956—	2066—	2319—	2409—	2564—
60—	170—	361—	492—	835—	989—	1208—	1336—	1457—	1583—	1895—	1958—	2109—	2321—	2429—	—
85—	171—	362—	523—	838—	990—	1209—	1340—	1472—	1599—	1905—	1983—	2119—	2322—	2434—	—
93—	172—	375—	524—	850—	991—	1211—	1341—	1552—	1622—	1906—	1999—	2120—	2324—	2449—	—
								1561—	1643—	1920—	2001—	2145—	2325—	2455—	—

O THESOUREIRO,

Domingos José de Souza Gomes — Braga.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO DE S. ANTONIO EM PORTUGAL

Assignatura — 1\$200 reis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes acresce o importe do correio.

Direcção — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Rev. Padre director da *Voz de S. Antonio*, Collegio de S. Boaventura — Braga.

O pagamento das assignaturas, ou qualquer outra beneficencia á *Voz de S. Antonio*, rogamos de novo que seja UNICAMENTE dirigido ao dignissimo thesoureiro, Domingos José de Sousa Gomes, Pharmacia dos Orphãos — Braga; isto para evitar confusões e trabalho.

Outrosim, rogamos aos estimaveis assignantes queirão ter a bondade de indicar tambem o seu numero d'ordem, que vae indicado na cinta da Revista, para mais facil expedição do buletim dos assignantes que já satisfizeram.

BOAS PUBLICAÇÕES

A venda na Livraria MESQUITA PIMENTEL — 67, Rua de D. Pedro, 69 — PORTO

Fénélon — Demonstraçào da existencia de Deus, 1 vol.	300	Urgente necessidade d'uma cruzada para a libertaçào do Summo Pontifice , pelo Dr. Carulla, 1 vol.	400
S. Francisco de Salles — Pensamentos consoladores, nova edição. 1 vol. 600; elegantemente enc.	850	A Situaçào do Papa , 1 vol.	200
Guia Ceremonial ou Manual Liturgico Romano — Para uso do clero de Portugal e Brazil. 1.ª ed. 700, enc. solidamente.	1\$000	A sanctificaçào do Domingo . Op.	60
Livro d'Oiro do Sacerdote ou Novo Vade-Mecum — para uso do clero de Portugal e Brazil, etc. 1 vol. enc. 500, 600, 900 e 1\$500 reis, segundo a encadernaçào.		A Maçonaria , o que é, o que faz e o que quer. Opusc.	120
O Livro d'Oiro da Juventude Christã , ou guia seguro para dirigir e formar uma alma. 1 vol. 200, 250 e 400 reis, segundo a encadernaçào.		Accção politica dos Catholicos . Op.	120
Jesus ao Coraçào do Joven . Nova edição completa. 1 vol. 200, 250, 400 e 1\$500 reis, segundo a encadernaçào.		Novo Catecismo popular da Doutrina Christã , para uso da juventude, contendo, além da doutrina muito bem explicada, o terço meditado, ladainha e muitas outras devoções, approved por S. Em. ^a o snr. Cardeal Bispo do Porto. Preço 50 reis; por duzia, a 40 reis, e por centena a 30 reis.	
		Devoçào do Sagrado Coraçào de Jesus	40
		Ségur — Os Franc-Maçõs.	100
		Canticos para todo o mez de Maria	200